



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E
CIÊNCIAS EXATAS



Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

Migração e dependência: as formas de realização do periférico valor-trabalho nas economias centrais

Larissa Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. José Gilberto de Souza

Rio Claro (SP)

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

Larissa Rodrigues

Migração e dependência: as formas de realização do
periférico valor-trabalho nas economias centrais

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Bacharel e Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2024

R696m Rodrigues, Larissa

 Migração e dependência: as formas de realização do periférico
valor-trabalho nas economias centrais / Larissa Rodrigues. -- Rio
Claro, 2024

 69 p.

 Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

 Orientador: José Gilberto de Souza

 1. Geografia. 2. Geografia da população. 3. Emigração e imigração.
4. Mobilidade de mão-de-obra. I. Título.

LARISSA RODRIGUES

MIGRAÇÃO E DEPENDÊNCIA: AS FORMAS DE
REALIZAÇÃO DO PERIFÉRICO VALOR-TRABALHO NAS
ECONOMIAS CENTRAIS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Bacharel e Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr José Gilberto de Sousa

Profa. Dra. Ana Paula Batarce

Profa. Dra. Roberta Traspadini

Rio Claro, 12 de dezembro de 2024

Larissa Rodrigues

Assinatura da aluna



Assinatura do orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Blalner e Renata, sem eles não teria sido possível trilhar o caminho até aqui. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e por acreditarem em mim.

À Andreza, minha tia, por ter me apresentado ideologias e sonhos com um novo amanhã, e por ter me feito despertar o interesse pelas ciências humanas.

À Caique, pela companhia de vida. Pelos momentos de acolhimento frente aos meus conflitos teóricos e pela segurança e conforto em meio à toda insegurança do mundo.

As minhas amigas e companheiras de casa da República Cabeças, Alice, Ana, Ellen, Gabriela, Giovana, Kauane e Luana que compartilhei 5 anos de trajetória. Foram tantos momentos e histórias, nada me tira esses anos do peito. Obrigada pelo apoio incondicional, pela amizade sincera e pelos conselhos. Amo e admiro muito todas vocês.

À João Neves, que mesmo depois de tantos anos longe, se faz presente. Obrigada pelo apoio e ajuda sempre, pela gentileza tão característica da sua personalidade e pelas engraçadas conversas.

Ao meu orientador e professor Dr. José Gilberto de Souza, por ter me acolhido e me auxiliado na elaboração deste trabalho e por ter me aberto o caminho de um tema que me instiga.

Por fim, agradeço à Fapesp, processo nº2023/04125-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento desta pesquisa a partir da concessão de uma bolsa de estudos e toda a infraestrutura disponibilizada pela UNESP.

RESUMO

A migração é um fenômeno de formação complexa, que perpassa por aspectos espaciais, econômicos, políticos, sociais e culturais. Dessa forma, o movimento migratório acompanha o processo de expansão do capitalismo, da urbanização e industrialização, sendo parte integrante da produção de riquezas, ocupação e transformação do espaço. Dada a condição estrutural de dependência dos países latino-americanos torna-se intrínseco o fenômeno da migração induzida pelo trabalho, quando inúmeras pessoas buscam possibilidades de realização da vida em outros continentes como forma de sobrevivência. O presente projeto parte de uma análise crítica da Teoria Marxista da Dependência que caracteriza a condição dependente pela transferência da mercadoria-valor em sua troca desigual. Nesta perspectiva, analisaremos a transferência do valor a partir do deslocamento da força de trabalho imigrante como valor-mercadoria, assim como a superexploração do trabalho nos países centrais.

Palavras-chave: Migração; transferência de valor; superexploração do trabalho; Teoria Marxista da Dependência.

ABSTRACT

Migration is a complex phenomenon with spatial, economic, political, social and cultural aspects. Thus, migratory movement accompanies the capitalist expansion process of urbanisation and industrialisation, an integral part of the production of wealth, the occupation and transformation of space. Given the structural condition of dependence on Latin American countries, the phenomenon of labour-induced migration becomes intrinsic, as many people seek opportunities to live and work in other continents as a means of survival. The present project is based on a critical analysis of Marxist dependency theory, which characterises the condition of dependency through the transfer of commodity value in its unequal exchange and the overexploitation of labour in the periphery. From this perspective, we will analyse the transfer of value through the displacement of immigrant labour as a valuable commodity, as well as the overexploitation of labour in the core countries.

Keywords: Migration; overexploitation of labour; transfer of value; Marxist Theory of Dependence

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixas etárias dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	45
Gráfico 2. Pertencimento étnico dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	46
Gráfico 3. Etnia por renda salarial dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	48
Gráfico 4. Grau de escolaridade dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	49
Gráfico 5. Gráfico de comparação- Etnia e Escolaridade dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	50
Gráfico 6. Exerce qualificação profissional no Reino Unido, resposta dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	51
Gráfico 7. Trabalhava formalmente no país de origem, resposta dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	52
Gráfico 8. Faixa salarial país de origem (Brasil) dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	53
Gráfico 9. Tempo de residência dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).	55
Gráfico 10. Imigrantes entrevistados residindo a 1 ano no RU por renda salarial.	56
Gráfico 11. Imigrantes entrevistados residindo a 3 anos no RU por renda salarial.	56
Gráfico 12. Imigrantes entrevistados residindo a 8 anos no RU por renda salarial.	57
Gráfico 13. Imigrantes entrevistados residindo a 10 anos no RU por renda salarial.	57
Gráfico 14. Gráfico de comparação:Tipo de visto de ingresso ao RU x Tipo de visto no ano de 2024 dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024.	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Migrantes Internacionais, por sexo.	41
Figura 2. Pirâmide etária da população de imigrantes internacionais por sexo em 2019.	42
Figura 3. Migrantes internacionais, por sexo, 20 principais países de destino (esquerda) e países de origem (direita) (milhões).	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de Migrantes internacionais, participação na população mundial e variação - 1970-2020.	41
--	----

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

IOM: International Organization for Migration

MRI: Ministério das Relações Exteriores

OBmigra: Observatório das Migrações Internacionais.

RU: Reino Unido

TMD: Teoria Marxista da Dependência

UK: United Kingdom

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	13
2. A MIGRAÇÃO E SUAS DIMENSÕES	17
2.1. Conceito de migração e as formas de migração	17
2.2 As dimensões de inserção do imigrante, grupos sociais e refugiados	20
2.3 Teoria Marxista da Dependência, Teoria do valor e migração	24
2.4 Exército industrial de reserva	28
2.5 Trabalho simples e trabalho complexo	29
2.6 Migrações e neoliberalismo	32
3. METODOLOGIA	36
3.1 Da aplicação dos questionários	38
4. AS CONDIÇÕES DE REPRODUÇÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES NO REINO UNIDO.	40
4.1 Caracterização demográfica da população pesquisada	44
4.1.1 Perfil Social dos Imigrantes	44
4.1.2. Trabalho emprego e formação profissional	48
4.1.3. Tempo de Migração e Renda	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6. BIBLIOGRAFIA	64

1.INTRODUÇÃO

Um contingente massivo de pessoas está em movimento pelo mundo, seja na forma de migrantes nacionais, internacionais ou refugiados. Nos anos 1970, em seus primeiros estudos, quando a migração não era um fenômeno com as proporções que hoje atinge, a geógrafa Jacqueline Beaujeu-Garnier (1971, p.201) definira a migração internacional como “todos os movimentos que envolvem travessia de uma ou mais fronteiras, não só entre Estados adjacentes como, às vezes, de um continente para outro”. Nesse período a migração de forte impacto estava marcado por questões muito vinculadas às guerras, alguns fenômenos climáticos e, sobretudo, as outras formas de migração forçada como a escravidão de povos africanos que perdurou por séculos, ou a expulsão de povos árabes, dados os conflitos no oriente médio.

De todas as formas o século XX ficou conhecido como a “época da migração”, uma vez que contextos sociais e econômicos influenciaram o padrão migratório de muitos países, como salientado decorrente de duas guerras mundiais, a guerra fria, a descolonização, as ações imperialistas, conflitos étnicos e catástrofes. Durante apenas cinco décadas, o número de migrantes internacionais quase triplicou, de 76 milhões em 1960, para 214 milhões em 2010 (IOM, 2008; DESA, 2009).

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU 2022) em seu relatório Mundial sobre Migração de 2022, havia 281 milhões de migrantes internacionais, correspondendo a 3,6% da população global. Em vista disso, os fluxos migratórios implicaram na mobilidade espacial, isto é, no deslocamento de indivíduos de um lugar para o outro, sendo estes lugares, outra cidade, estado ou país.

Sendo as migrações uma espécie de mobilidade humana, quando realizadas entre países pode-se denomina-las de “migração internacional”. Para Stephen Castles e Mark Miller (2003), a forma como as imigrações internacionais acontecem, está intimamente ligada com o passado colonial, através dos movimentos de mão de obra de países periféricos para os centrais, reproduzindo as formas de recrutamento das antigas colônias, perpetuando assim, a periferização destes países e a centralidade de outros. Nos países dependentes, esta condição se agrava devido às desigualdades regionais e sociais, o que causa um pesado fluxo de migrantes, por exemplo, latino-americanos, para os países do centro do capitalismo.

No caso da América Latina, o continente por muitas décadas atraiu migrantes do mundo inteiro, principalmente durante o período industrial, em que o país necessitava de mão

de obra para levar sua expansão econômica adiante e “ocupar” estas espacialidades . O que em verdade não se tratava de ocupar, mas de um intenso genocídio, uma vez que estas áreas eram habitadas por inúmeros povos indígenas de Mapuches no Sul de Chile e Argentina, passando pelos Yanomamis ao Norte do Brasil e parte venezuelana, até o Norte do México e Sul estadunidense com os Tarahumara. (Trinchero, 2006; Edwards, Kelton, 2020; Linstroth, 2022) Para isso ser possível, foi elaborada uma política migratória que privilegiava famílias brancas e europeias, para trabalharem nas minas, lavouras e demais setores agrários e industriais. É possível compreender que as leis e políticas migratórias mudaram de acordo com o contexto hegemônico de interesse do capital.

No caso brasileiro, o país se tornou uma região de emigração, sobretudo, no eixo Sul-Norte e é neste ponto que concentramos nossos estudos. Segundo estimativa divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRI). Baseado em informações prestadas pelos 196 postos do ministério no exterior (embaixadas, consulados-gerais, consulados e vice-consulados) e relativa ao ano de 2022, o número é de 4.598.735 de brasileiros emigrantes. A maior concentração deste contingente é nos Estados Unidos da América, onde vivem 1,9 milhão de brasileiros (42% do total). Portugal é o segundo país com mais brasileiros (360 mil), seguido por Paraguai (254 mil), Reino Unido (220 mil) e Japão (206.990). Segundo as estatísticas do MRI, a maior concentração de brasileiros está na região do consulado-geral de Nova York, seguida pelas regiões de Boston, Miami, Lisboa e Londres. Observa-se que os lugares receptores de grandes fluxos migratórios são lugares cuja presença do capital é intensa. Nosso objetivo, é apontar e analisar como o modo de produção capitalista e a condição estrutural de dependência dos países latino-americanos tornaram intrínseco o fenômeno da migração induzida pelo trabalho, uma vez que inúmeros indivíduos se locomovem através do globo na busca de regiões com atividades econômicas mais intensas. Ao mesmo tempo refletir sobre a lógica da formação do valor e o processo de sua transferência a partir deste fenômeno. A Teoria Marxista da Dependência (TMD) refletiu fortemente sobre a questão das transferências de valor e suas relações de deterioração (em termos de troca). Por sua vez o fenômeno migratório do trabalho (sem desconsiderar o trabalho escravo), ao menos o trabalho assalariado não se constituía um elemento de grandes proporções, exceto quando tratado nos períodos de colonização e formação socioeconômica dos países do continente americano, africanos e asiáticos entre os séculos XV a XIX. Desta feita, tendo como cerne a lógica de transferência do valor, desta teoria, buscou-se refletir como se estabelece a realização do valor-trabalho periférico (o trabalho migrante) nas economias centrais.

Reflete-se, portanto, como as relações capitalistas não incorporam em suas formas de reprodução social apenas o valor trabalho da periferia deteriorado nas relações de troca de mercadorias com os países periféricos, mas também do valor-trabalho periférico em suas relações sociais de produção, na periferia destas mesmas relações. Entendendo que a periferia destas relações se estabelece por condições de reprodução do social dos imigrantes a quem do padrão médio de vida dos trabalhadores “nacionais”.

Deste modo, dada a condição de imigrante, submetem-se a trabalhos subalternizados, longas jornadas e baixa remuneração, implicando na superexploração da força de trabalho. Assim, o processo migratório tornou-se uma importante peça da acumulação de capital. A dinâmica da superexploração do trabalho tinha como referência a produção do valor na periferia, mas, não era observada e pouco tem sido observada esta lógica, sob o prisma da extração do valor trabalho periférico, no centro de acumulação capitalista. Inicialmente, quando da elaboração dos conceitos fundantes da Teoria da Dependência, notadamente no campo teórico marxista, esta reflexão não estava pautada sobre a emigração da força de trabalho.

Como base de fundamentação da análise do fenômeno migratório, resgataremos a Teoria Marxista da Dependência no âmbito da transferência de mão de obra imigrante como valor-mercadoria para os países centrais. Segundo Ruy Mauro Marini e na Teoria Marxista da Dependência, algumas das estruturas que definem a condição de dependência correspondem à:

A) transferência do (mais) valor das economias dependentes para as economias centrais.

[...] as relações de produção são desiguais porque o desenvolvimento de certas partes do sistema ocorre às custas do subdesenvolvimento de outras. As relações tradicionais são baseadas no controle do mercado por parte das nações hegemônicas e isto leva à transferência do excedente gerado nos países dependentes para os países dominantes, tanto na forma de lucros quanto na forma de juros, ocasionando a perda de controle dos dependentes sobre seus recursos. (MARINI, 1991).

B) superexploração da força de trabalho.

(...) a superexploração é melhor definida pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento da produtividade, e tende normalmente a se expressar no fato de que a força de trabalho se remunera abaixo do seu valor real (MARINI, 2005, p. 189).

Nessa direção, refletimos metodologicamente sobre uma forma específica de “transferência do valor”¹ a partir do fenômeno migratório, isto é, pelo deslocamento da força de trabalho imigrante e da forma de produção do valor e das condições materiais de reprodução social dos trabalhadores imigrantes (valor-trabalho periférico) nos países centrais. A Teoria Marxista da Dependência (TMD) partiu do princípio de que a transferência de valor se estabelece pela circulação das mercadorias e as trocas desiguais entre os países, notadamente vinculada às condições de superexploração do trabalho que se assenta nos países periféricos. Nesse campo, busca-se analisar uma forma “subsumida do valor na imigração”, concorrendo com a superexploração do trabalho também nos países centrais e não apenas na periferia, como aponta a TMD. Revisitar a teoria, considerando uma dimensão da força de trabalho, a migração, que nos anos 1960, não era tão significativa e impactante contribui para análise das formas de produção e realização do valor e seus impactos na periferia e os condicionantes desse processo. Tal perspectiva também se concilia com as considerações de Moore ao tratar da *fronteira mercadoria* como abreviações das dinâmicas de classe que “produzem” espaços na teia da vida, estas tais teias da vida, por sua vez, permitem oportunidades para a acumulação de capital (MOORE, 2000, 2023; CAMPLING, 2012). Nesse aspecto, a migração corresponde a uma nova fronteira de realização da mercadoria e, por sua vez, de realização do valor, uma vez que as teias da vida são constitutivas de formas de reprodução social inferiores à média dos trabalhadores dos países centrais.

A migração é uma dessas teias e se realiza nas estratégias de vida, como por exemplo a retroação do preço-salário, nas transferências de famílias no exterior para o país de origem, classicamente os dekkasséguis, mas não apenas (SHISHITO, SOUZA, 2016). As remessas familiares, por exemplo, no caso mexicano e países caribenhos se constituem na principal forma de entrada de recursos no país. Segundo estudo do Instituto para a Integração da América Latina e Caribe, órgão da OEA (Organização dos Estados Americanos), as remessas são utilizadas sobretudo para gastos correntes com consumo, aluguel, saúde e educação (MAGALHÃES, 2011), o que implica considerar que tais volumes de recursos impactam as condições de reprodução social (teia da vida) dos trabalhadores imigrantes.

Em suma, buscaremos, com isso, realizar uma análise crítica dos pressupostos da Teoria Marxista da Dependência, no que se refere ao processo de transferência do valor e ao

¹ Embora compreendamos que o valor se estabelece na produção de mercadorias pela força de trabalho, adotamos um sentido figurado de transferência de valor, quando a força de trabalho, como forma mercadoria, também se transfere na migração. Não significa a transferência de valor stricto sensu, mas a capacidade de produzir valor que se transfere para as economias centrais e que se materializa como superexploração do trabalho nos países centrais.

processo do trabalho como valor-mercadoria. Assim, como forma de perscrutar esses objetivos mais gerais detalhadamente passamos a identificar os processos e as dinâmicas migratórias dos países Latino Americanos para o Reino Unido, com base nos dados disponibilizados pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e IOM (International Organization for Migration); verificar as formas de inserção no trabalho e o perfil dos migrantes no Reino Unido, e, por fim, analisar as dimensões de direitos e cidadania (teia da vida) imigrante.

2. A MIGRAÇÃO E SUAS DIMENSÕES

2.1. Conceito de migração e as formas de migração

O fenômeno da migração não pertence apenas à atualidade, sendo necessário estudar a questão a partir de sua perspectiva histórica.

[...] o fenômeno migratório não é meramente episódico, casual, acidental, periférico. As migrações não se reduzem a um mal a ser tolerado, a um problema a ser superado. Ao contrário, fazem parte integrante do próprio fenômeno humano, são inerentes à história humana, são indispensáveis tanto para compreender o passado como para projetar o futuro da humanidade (VALENTINI, 2005, p. 17).

O movimento migratório é acompanhado de inúmeros conceitos e tipologias que envolvem questões de espaço, tempo e expressão social, ou seja, não se concentram apenas na mobilidade de um local para o outro, transcorre por ações que determinam os fluxos migratórios, como tomada de decisão de migrar, o perfil socioprofissional (e ou profissiográfico) de quem migra, condição jurídica de cada migrante, entre outras formas e motivos e condições para a migração.

Entendemos também que o movimento migratório se intensifica a partir do processo de expansão do capitalismo, da urbanização e industrialização, dessa forma, é parte integrante da produção de riquezas e ocupação e transformação do espaço.

Assim, retornamos ao que Marx (2008) aponta como a “a assim chamada acumulação primitiva”. A articulação do sistema capitalista fez com que camponeses fossem expulsos de suas terras e seus meios de sobrevivência fossem expropriados, tornando a população disponível para a indústria e o campo disponível para a produção agrícola capitalista. O último grande processo de expropriação dos camponeses é finalmente a chamada limpeza das propriedades, a qual consiste em varrer destas os seres humanos. (MARX, 2008, p. 842).

A industrialização e urbanização capitalista do continente Europeu no século XIX e seu processo de acumulação primitiva, foram fundamentais para a composição de grupos de “trabalhadores livres”, que estavam dispostos e ou obrigados a vender sua força de trabalho para a indústria e integrar o exército industrial de reserva nas cidades, desencadeando o fluxo de trabalhadores rurais para as cidades. A formação dessas cidades se deu principalmente pelas migrações internas, o que foi vital para o processo de formação da classe trabalhadora.

Atualmente a questão da migração ganha inúmeros contornos, de acordo com a Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais (CMMI, 2005: 7), por conta da complexidade dos atuais movimentos migratórios, passou-se a classificar suas diversas formas em: temporárias; permanentes; legais; irregulares; espontâneas; forçadas; trabalhadores indiferenciados; especialistas altamente qualificados; reagrupamento familiar; mobilidade estudantil; migrantes em trânsito; migrantes retornados, entre outros. Entretanto, o processo migratório não pode ser analisado dentro de um caráter unidimensional, o migrante pode transacionar de uma categoria para outra, ou fazer parte de mais de uma, já que a migração é multidimensional e perpassa por várias categorias. Dado isso, nos debruçarmos sobre algumas delas.

A migração pode ser temporária ou permanente, isto é, temporária quando o migrante permanece por um curto período no local de destino e, permanente quando o migrante estabelece residência de forma definitiva. Na situação jurídica, para que as migrações internacionais aconteçam não basta o desejo do indivíduo de entrar em outro país, o Estado receptor é quem controla quem pode entrar, permanecer e pertencer àquele território. Essa especificidade decorre do seu insuperável caráter político, na medida em que o processo migratório implica não apenas uma realocação física mas também uma mudança de jurisdição e de pertença (ZOLBERG, 1989: 405).

Dessa maneira, a migração pode se dar de forma legal e irregular ou ilegais; legal são aquelas em que a travessia de uma fronteira para outra acontece de forma autorizada; ilegais são as quais o Estado receptor não autoriza a entrada do migrante, e a mesma acontece, se tornando clandestina ou irregular, esta última passível de ser autorizada. Quanto às migrações voluntárias e migrações forçadas, elas envolvem o núcleo da tomada de decisão por migrar. As voluntárias são quando os indivíduos migram por vontade própria, por aspirações pessoais; as migrações forçadas são aquelas em que o indivíduo é obrigado a migrar por questões políticas, sociais, ambientais, estas últimas ganham enorme importância em tempos de emergência climática (Lengthorn, Asbury, 2021) ou outros motivos. Por último a classificação que destacamos é de grande relevância para a temática deste trabalho, sendo as categorias de

migração indiferenciadas e migração qualificada. As migrações indiferenciadas, são aquelas em que o migrante corresponde a baixa escolaridade ou ausência de especialização, e por isso estão disponíveis para quaisquer atividades minimamente remuneradas; as migrações qualificadas ao contrário, são compostas por migrantes com alto nível escolar e acadêmico com especializações, se inserindo em cargos elevados de trabalho, considerado pelos países de origem destes migrantes como um fenômeno de fuga de cérebros.

Deste modo, o processo migratório opera de forma fundamental no mecanismo de fuga de cérebros, principalmente em função da diferença nacional dos salários. Os salários são maiores nos países centrais, o que gera para o trabalhador maior acesso a bens e serviços. Esta diferença dos salários é uma das maiores causas do processo migratório internacional.(Araújo, Ferreira, 2013).

Para o trabalhador qualificado, esse cenário se mostra ainda mais vantajoso, frente ao aumento de salário comparado à economia dependente. De acordo com os dados do Banco Mundial (WORLD BANK, 2011), um pesquisador brasileiro nível mestrado ganha uma bolsa mensal de R\$1.200,00 a R\$2.000,00, um pesquisador do mesmo nível nos Estados Unidos recebe mensalmente R\$10.000,00. Estas condições desiguais estimulam o trabalhador qualificado a migrar do seu país de origem. No Brasil 2,2% das pessoas com nível superior emigram. Essa problemática constitui um déficit nos países de origem, para a formação de uma mão de obra qualificada e desenvolvimento de sua ciência e sociedade.

O mercado de procura e oferta de trabalho é o mecanismo primário que induz os movimentos migratórios, e faz com que inúmeras pessoas busquem possibilidades de vida e trabalho em outros continentes, particularmente nas Américas, em face da atração de salários maiores e pela pobreza generalizada no país de origem. De acordo com Batarce (2016), algumas das razões que levam o sujeito a migrar são:

[...] Migra para fugir do desemprego, fugir da pobreza, fugir da falta de qualidade de vida, fugir dos baixos salários, fugir da impossibilidade de inserção no mundo do consumo, fugir da guerra, fugir de problemas ambientais, fugir da xenofobia. Este sujeito procura sair da condição de exclusão econômica, social, política, cultural que vive em algum lugar periférico do planeta para se inserir na condição de inclusão econômica, social, política, cultural em algum outro lugar não periférico do planeta. O novo lugar pode lhe proporcionar tanto melhoria na qualidade de vida, a possibilidade do consumo de mercadorias, a possibilidade da liberdade econômica, social, política, e cultural, quanto pode proporcionar uma periferação em sua vida, como os migrantes que se encontram em situação de semiescravidão, ou os refugiados, entre outras situações. (BATARCE, 2016, p.61).

Os movimentos migratórios se intensificaram nos séculos XX e XXI, principalmente após o golpes de estados e ditaduras que ocorreram em países da América Latina, cabendo sublinhar as ocorridas em El Salvador, Nicarágua, Guatemala, Argentina, Brasil e Chile, (ANDRADE, 1998, p. 400). Milhares de latino-americanos migraram com suas famílias ou de maneira solo, em busca de trabalho ou refúgio político. Como por exemplo, Mcilwaine (2011) sublinha que a migração internacional de latino-americanos para Londres inicia-se com os exilados políticos na década de 1970.

A comunidade latino-americana é uma das comunidades de migrantes que mais cresce – embora seja uma das mais invisíveis – em Londres. Aumentou quase quatro vezes entre 2001 e 2011, com muitas famílias a chegar ao Reino Unido através da migração através da Espanha, um fenómeno que aumentou desde a recessão económica global. Em 2013, havia um quarto de milhão de latino-americanos a viver no Reino Unido, 145 mil dos quais viviam em Londres, o que a torna maior do que as comunidades somalis e chinesas do Reino Unido (MCILWAINE & BUNGE, 2016).

No Brasil, a maioria dos migrantes correspondem a uma população explorada e empobrecida. Assim sendo, deslocaram-se a países centrais do capitalismo e ali submetem-se a trabalhos secundários, caracterizados por baixas remunerações, precariedade, insegurança e exploração, entre outros aspectos negativos. Desta maneira, a migração constitui parte do desenvolvimento, expansão e acumulação capitalista.

No contexto destas migrações internacionais, nos interessa, por ora, delimitar os grupos sociais que fazem parte do processo migratório, bem como as dimensões de inserção e direitos do imigrante.

2.2 As dimensões de inserção do imigrante, grupos sociais e refugiados

Nos últimos anos houve um aumento expressivo da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais devido a incorporação da sua força de trabalho nos países industrializados. Em geral, essas mulheres saem de seus países de origem para trabalhar em setores de serviços secundários, como cuidadoras (babá), faxineiras, diaristas, trabalhadoras domésticas e outros setores do mercado informal. Exercem esses serviços especialmente porque a execução dessas tarefas não exige nenhuma qualificação e culturalmente é considerado um serviço “feminino”. Esse cenário se agrava devido ao desenvolvimento desigual do capitalismo neoliberal, com raízes históricas de dominação e exploração colonial sobre mulheres, que se perpetua com outra roupagem nos dias atuais pelas suas elites.

Segundo Lisboa (2003) 100 mil mulheres de todo o mundo move-se anualmente em fluxos migratórios, para assumirem trabalhos domésticos na esfera privada. [...] “o trabalho realizado é invisibilizado porque, ocorrendo no âmbito privado, é pouco valorizado, de baixo status social e constitui-se num mercado para migrantes indocumentadas” (LISBOA, 2003, p.815).

Segundo dados da ONU, 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres, que, por sua vez, resultam na busca por melhores condições de vida fora de seus países de origem, crescendo o número de mulheres nas migrações internas e externas. Conforme Lutz, aproximadamente 10 milhões de mulheres no mundo não possuem cidadania nos atuais países em que vivem; destas, 1 milhão são trabalhadoras domésticas e dependem da ‘bondade’ de seus patrões para continuar sobrevivendo no país para o qual migraram. (LUTZ, 2000, p. 2.).

De acordo com a IOM, em seu último relatório sobre migração internacional, com o título *World migration report 2024*, o número de migrantes internacionais, que no caso deste estudo significa pessoas vivendo em outro país diferente daquele que nasceu, pelo mundo era de 280 milhões de pessoas. O dado inclui todas as situações e condições migratórias. Deste total, 48,1% são mulheres.

Percebe-se, que a história da humanidade é marcada pelos movimentos migratórios, mesmo aquelas sociedades consideradas mais simples do ponto de vista de organização de estruturas de Estado, como as populações Guaranis, elas marcam a migração como um fenômeno social, com função social específica nas relações sociais e na sobrevivência dos grupos, tendo como marco o trajeto piabiru (peabeyú). (Souza, Lengthorn, Ioris, 2024).

Como as pesquisas históricas costumavam ser orientadas por valores tradicionais e patriarcais, e étnicocentradas nas populações brancas colonizadoras a imigração foi abordada, quase sempre, como uma questão masculina vinculada a colonização e dominação, ocultando os fenômenos migratórios de outros povos, como os povos tradicionais que ampliaria o reconhecimento de seus domínios socioespaciais, as migrações forçadas escravistas da África negra (Moura, 1990), e sobretudo, a presença feminina nesse contexto (Weinberg, 1992).

A invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre migrações internacionais se dá também pelo fato de serem vistas como coadjuvantes na posição de membro da família. Desse modo, a esfera patriarcal não abre espaço para as percepções das mulheres imigrantes, e o fato da imigração ser vivenciada de forma diferenciada por homens e mulheres.

Os motivos que levam as mulheres a saírem de seu local de origem vão além de questões socioeconômicas, envolvem diferentes formas de opressão e exploração; para muitas o processo de migração significa a fuga de uma relação violenta ou de uma estrutura rígida

patriarcal que constitui propriedade sobre seus corpos e ações. Lisboa (2003) sublinha outros aspectos que motivam a emigração da mulher:

Os principais motivos da emigração apontados pelas mulheres são: 1) a questão sócio-econômica: falta de oportunidades de emprego ou ocupações remuneradas no país de origem, bem como a desvalorização do trabalho feminino; 2) o acesso à educação ou a oportunidades de maior qualificação profissional; 3) a conquista da independência econômica e social de suas famílias de origem, principalmente as solteiras, viúvas ou mulheres que sofriam violência no local de origem; 4) a possibilidade de alcançar mobilidade social, melhorar de status em relação ao emprego que exerciam nos países de origem, ou seja, serem valorizadas; 5) o acesso a serviços básicos, atendimento à saúde; 6) experimentar diferentes sensações: conhecer um país diferente, divertir-se, ir a festas, sair com as amigas, aprender coisas novas; 7) ir atrás da rede familiar, de conhecidos ou amigos que já se encontram no país e motivam a emigração. (p.810)

Neste contexto, muitas mulheres levam uma jornada dupla, ou tripla de trabalho, tendo que conciliar seu trabalho remunerado com o não remunerado, como o cuidado com os filhos e afazeres domésticos de seus próprios lares. Além disso, passam por situações de assédio sexual e verbal com seus patrões, principalmente mulheres latinoamericanas devido a sexualização de seus corpos. Quase 20 milhões de mulheres no mundo vivem em condições de ‘segunda categoria’, lutando por sobrevivência e para ter seus direitos garantidos. (LUTZ, 2000, p. 2.).

O impulso migratório raramente é um fato simples, é um acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperança. Fatores como conflitos e perseguições provocam migrações forçadas, que na contemporaneidade ganham contornos complexos devido à realidade dos refugiados que assumem questões diversas como religião, etnia, política, economia ou ambiental. Tais conflitos caracterizam-se pela violação dos direitos humanos, que atentam contra a vida de uma população, sua liberdade e segurança forçando os indivíduos a migrarem de seu país de origem. O deslocamento forçado engloba uma população mundial de aproximadamente 89,3 milhões de pessoas, entre elas 27,1 milhões de refugiados, sendo que cerca de metade dos quais têm menos de 18 anos. Além disso, existem milhões de apátridas, pessoas a quem foi negada a nacionalidade e que não têm acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento. (ACNUR, 2021).

A definição de refugiado de acordo com a ACNUR (Agência da ONU para refugiados) é:

A definição de refugiado vai muito além da declarada no Estatuto dos Refugiados, de que: Em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, e temendo ser perseguida por motivos de raça,

religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha a sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 2011, p. 11).

O aumento dos fluxos de refugiados pelo mundo acompanhou a evolução da globalização neoliberal, com uma evidente desigualdade econômica e conflitos pós Guerra-Fria.

[...] para a maioria dos refugiados de hoje, conflitos armados – que frequentemente envolvem perseguição e outros abusos dos direitos humanos contra civis – são a principal fonte de ameaça. Muitos dos conflitos armados do período pós-Guerra Fria provaram ser particularmente perigosos para os civis, evidenciados pela escala de deslocamento e pela alta proporção de mortes de civis em relação aos militares. [...]. O custo humano devastador de guerras recentes levou muita discussão sobre a natureza mutável dos conflitos armados no período pós-Guerra Fria. [...]. (UNHCR, 2000, p. 277).

Assim, temos um conjunto de questões responsáveis pela mobilidade das pessoas, seja pela violência praticada entre grupos de origem diferente, seja pelas mazelas socioeconômicas que obrigam o deslocamento de milhares de indivíduos por diferentes continentes (BRAGA; KAROL, 2009, p. 04)

Outro desdobramento da questão dos refugiados refere-se a sua reterritorialização, isto é, como são indivíduos ou grupos que estão em constante movimento, não só na forma geográfica mas também levam consigo suas culturas e marcas de desafios que enfrentam durante a travessia constroem no novo local de destino uma nova dinâmica territorial, mas que muitas vezes é fragilizada devido a perda de seus direitos básicos. Eles recriam-se, reinventam-se, aprendem novas línguas, culturas, desafiam-se, impõem velocidade e reflexão, questionam e movimentam, ao percorrerem seu caminho, agora de geografias redesenhadas (FARKAS; MARTINHO, 2013).

As crises e períodos de desemprego promovem parte do fluxo pesado de migrantes trabalhadores, sendo este o grupo que mais compõe a taxa de migrantes internacionais, os trabalhadores qualificados e não qualificados, homens e mulheres. Dada sua condição de estrangeiro, submetem-se a longas jornadas de trabalho, baixa remuneração e residem em ocupações precárias e afastadas, muitas em zonas de risco. Grande parcela desses trabalhadores atua de maneira informal, devido a dificuldade de obter um visto com fins empregatícios. Dessa forma, são excluídos de direitos trabalhistas, como décimo terceiro,

transporte, férias e afins, o que acarreta uma condição de superexploração, visto que se tem uma massa de trabalhadores disponíveis para exploração internacional.

Em suma, são grupos marginalizados que se encontram nos guetos e bairros afastados, formando a grande massa de trabalhadores que sustentam os grandes centros do capitalismo. Como apontam Traspadini e Souza (2023) é o popular que emerge como forma de existência e resistência demarcando suas histórias em uma América Latina febril por sua condição de dependência. Reforçam os autores que a dialética do popular/classe é constituída em um complexo movimento de ser tecida pela lógica hegemônica a partir de seus mecanismos de dominação, ao mesmo tempo em que – de forma silenciosa ou em gritos – revela uma herança que transborda a contrapelo essas mesmas relações de dominação. Estes sujeitos, enquanto grupos sujeitados, estes homens e, sobretudo mulheres sofrem – via poder do Estado burguês e do capital – com a falta de terra, de trabalho digno, dos direitos constitucionais próprios, Sofrem por serem submetidos ao universo do direito burguês que desfila como princípio de todos os demais a propriedade privada, substituto concreto da vida em comunidade. Mas, cotidianamente, na teia da vida, estabelecem formas claras de resistência e de superação.

2.3 Teoria Marxista da Dependência, Teoria do valor e migração

A teoria Marxista da Dependência expressa-se na relação entre centro e periferia na economia mundial. A categoria dependente segundo Marini (2000, p.109) é “[...] entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência.”

Isso significa que as economias dominantes só são capazes de se desenvolver devido à existência das economias dependentes. Esse processo acontece pela transferência de valor, ou por aquilo que é denominado troca desigual.

De forma sintética, a situação dependente se caracteriza pelo fato de que uma parte do (mais) valor produzida nessa economia não é apropriada nela, mas nas economias centrais, e passa a integrar, portanto, a dinâmica de acumulação de capital das últimas, e não das primeiras. O processo de transferência de (mais) valor ficou conhecido na discussão dos anos 1960 como troca desigual. (CARCANHOLO, M. D., 2013, p. 194).

A América Latina, por exemplo, se insere na economia capitalista dentro de uma troca desigual e de uma maior exploração da força de trabalho. Denominado por Marini (2000),

como superexploração, que é entendida como uma remuneração da força de trabalho abaixo do seu valor e o esgotamento prematuro da força físico-psíquica do trabalhador. O capitalismo dependente fora constituído assim, delimitando a transformação capitalista e recorrendo-se à exploração intensiva da força de trabalho e dos recursos naturais destes territórios (FERNANDES, 2005).

A relação desigual gera no capitalismo dependente a necessidade de compensar a mais-valia transferida para que possa se desenvolver. Como solução, recorre a maior exploração do trabalhador, isto é, a superexploração da sua força de trabalho. Essa transferência de mais-valia não se concentra apenas no capitalista nacional; ela também será transferida para o capitalista internacional, que terá um duplo ganho, na troca e na maior exploração do trabalhador. Nas palavras de Marini:

As nações desfavorecidas pela troca desigual não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (o que implicaria um esforço redobrado para aumentar a capacidade produtiva do trabalho), mas procuram compensar a perda de renda gerada pelo comércio internacional por meio do recurso de uma maior exploração do trabalhador. (MARINI, 1973, p.11).

A Teoria Marxista da Dependência se concentra principalmente nas transferências de mercadoria e em sua troca desigual. Dadas suas características estruturais, analisaremos a partir daqui sua atuação levando em conta o deslocamento da força de trabalho imigrante e de sua superexploração.

Resumidamente, de acordo com a Teoria do valor de Marx, entendemos que o capital é um movimento de valorização do valor, isto é, em um primeiro momento temos a circulação simples, baseada na venda de uma mercadoria para a compra de uma nova mercadoria (M-D-M). Com o desenvolvimento das sociedades essa lógica ganha um elemento a mais, a valorização do capital que é previamente investido (D-M-D'). Em um terceiro momento para o processo de reprodução do capital se ampliar, é necessário que o capitalista invista na produção (meio de produção e força de trabalho) (D-M[P]M'-D').

Quando o capitalista consome as mercadorias, força de trabalho e meios de produção, (P), a nova mercadoria já tem em si um valor excedente que, após a venda, ele pode separar o capital inicial e retirar seu excedente, aqui vamos chamar de lucro. Assim, o dono do capital pode aplicar uma parte desse excedente acrescentando ao capital originário e o novo ciclo do capital será um ciclo com um capital ampliado. (REMIJO; BARBOSA, 2022, p.5).²

² Fórmula da circulação simples M-D-M, significa M (mercadoria) - D (Dinheiro) - M (Mercadoria). Processo de valorização D-M-D', significa D (dinheiro) - M (mercadoria) - D' (dinheiro acrescido de valor (lucro)). A

Em vista disso, compreendermos que a produção do valor e a valorização do mesmo acontece nos países centrais devido ao deslocamento da mão de obra imigrante, que não mais produz valor em seu país de origem, mas sim no país receptor que explora essa mão de obra ao extremo tirando seu excedente e mais-valia.

O modo de produção capitalista e a condição estrutural de dependência dos países latino-americanos torna intrínseco o fenômeno da migração induzida pelo trabalho. O capital é uma relação social, a relação de compra e venda da força de trabalho, com objetivo central de produzir mercadorias. A força de trabalho aqui, também se transforma em mercadoria, o que permite a exploração e apropriação do trabalho excedente, na teoria do valor de Karl Marx (2013) denomina-se como mais-valia. Esse processo está relacionado com todo tipo de exploração da força de trabalho, no âmbito formal e informal, seja na contratação assalariada com direitos ou no subemprego e desemprego.

As condições específicas enfrentadas por imigrantes os colocam em diferentes dinâmicas de exploração e subordinação ao capital, transitando entre as duas categorias de subsunção do trabalho.

Vamos voltar ao que Marx chama de subsunção formal e subsunção real do trabalho, no capítulo “ Manufatura e grande indústria” do O Capital. A subsunção formal do trabalho ao capital é aquele que teve vigência na manufatura quando o trabalho detinha a destreza, o capitalista assume controle dos meios de produção e do trabalho, mas o método e as ferramentas utilizadas pelo trabalhador permanecem praticamente inalterados, a mais-valia (absoluta) gerada nesse processo decorre da extensão da jornada de trabalho ou do aumento da intensidade do trabalho. A subsunção real do trabalho ao capital, é a típica da grande indústria, em que o trabalhador se torna um autômato e um apêndice em relação à máquina, ou seja, o trabalhador é integrado a um sistema técnico projetado para maximizar a produtividade, nesse processo o capital reorganiza o processo produtivo, incorporando tecnologia e maquinário. Aqui ocorre a mais-valia relativa, é resultado do aumento da produtividade em uma maior quantidade de mercadorias produzidas por unidade de tempo. O último ponto da tese que chegamos é que, o trabalho é cada vez mais a capacidade de trabalho socialmente combinada e complexificada, uma vez que a mais-valia ou mais-valor não resulta de um trabalho individual, mas sim de um máquina social, que é complexa, ampla,

fórmula desdobrada do capital dinheiro acima significa D (dinheiro) – M (Mercadoria) – P (produção) – M' (Mercadoria acrescida de um novo valor) – D' (Dinheiro acrescido de novo valor).

heterogênea, e multifacetada, por isso a ideia de que a classe trabalhadora é uma classe socialmente determinada, e não isoladamente concebida.

Com a expansão do capitalismo e a formação de um mercado mundial cada vez mais interligado e conectado, temos oferta de mão de obra em abundância em âmbito global. Neste sentido, o imigrante busca as melhores condições para venda desta força de trabalho. Com a entrada do imigrante no mercado de trabalho internacional, estabelece-se, portanto, um campo vantajoso para o capital: uma maior exploração da força de trabalho, a sub-remuneração e a privação de direitos sociais e trabalhistas.

O estatuto político inferiorizante e a fraca qualificação dos imigrados permitem às empresas explorá-los ao máximo (salários baixos, horários frequentemente prolongados, ritmo de trabalho muito intenso). Mas a sua forte taxa de mobilidade traz igualmente aos capitalistas economias apreciáveis sobre as massas salariais: a rápida rotação de trabalhadores imigrados suprime todas as regalias de antiguidade e permite manter uma fraca taxa salarial. Do mesmo modo, os trabalhadores imigrados, que têm uma taxa de atividade superior à média, contribuem para instituições sociais de que só raramente se beneficiam (doença, desemprego, velhice). Pode-se assim calcular que na Alemanha os trabalhadores imigrados pagam cerca de 17% de todas as contribuições para pensões de segurança social (quando apenas constituem cerca de 5% da população), mas em troca apenas recebem cerca de 0,5% do montante total. (GAUDEMAR, 1977, p. 27).

Importa reconhecer que nessa estrutura outros mecanismos de apropriação do valor também se colocam, por exemplo a diferença salarial entre imigrantes e nacionais; a condição de legalidade e outros elementos como gênero e raça. O trabalhador imigrante, ao migrar, receberá mais do que em seu país de origem, entretanto nos lugares de destino, há um mercado de trabalho segmentado, onde os nacionais ocupam postos de trabalho do segmento primário, sublinhado pela qualificação, estabilidade, e salário elevados. Os imigrantes, por outro lado, ocupam postos do segmento secundário, isto é, atividades de baixa qualificação e remuneração e condições precárias de trabalho, atividades de “baixo escalão”, como limpeza, ajudante de construção, entregadores e trabalhos informais no geral. Dessa forma o trabalho/hora de trabalho é mais intenso e conseqüentemente irá produzir maior valor. Esse mecanismo é vantajoso para o capitalista internacional, que utiliza da situação ilegal de muitos imigrantes, para realizar chantagem política e reduzir seus salários. Em números, o total de brasileiros cruzando ilegalmente a fronteira sul dos EUA no ano fiscal de 2021, é de 46.410, e já supera em mais de seis vezes o total do ano fiscal de 2020. (BBC News, 2021).

[...] os trabalhadores migrantes aceitariam as deterioradas condições de trabalho porque não tem poder de barganha (especialmente se são indocumentados) e porque esses salários e empregos ainda são preferíveis à situação de pobreza e desemprego nos países de origem”(Ibid, p.19)

Dentre as questões centrais de migração o importante relatório produzido pela Global Knowledge Partnership on Migration and Development (KNOMAD), sob a coordenação de Anjaly Fleury (2016), intitulado *Understanding Women and Migration: A Literature Review*, aponta para a particularidade da migração e gênero, destacando aspectos centrais desse processo:

Understanding the intricacies of gender and migration can result in programs and policies that enhance the benefits and decrease the costs for female migrants.(...) Women are increasingly migrating on their own, often to enhance economic opportunities by seeking jobs or education. Data indicate that the rate of female migration is growing faster than male migrants in many countries that receive high levels of migrants. This trend is commonly referred to as the “feminization of migration.” (...) Migration can change traditional norms as women gain access to education and economic opportunities. The introduction to more equitable social norms can also improve women’s rights and access to resources. (FLEURY, 2016).

Por sua vez, é importante reconhecer que existem ainda outros desdobramentos sobre a migração e que são fundamentais de serem perscrutados como apontados acima. Soma-se a isso, condições degradantes de trabalho, longas jornadas, salários irrisórios, ocasionando uma precarização da mão de obra imigrante, pelo fato de não conseguirem vender sua força de trabalho em melhores condições. Isto acontece unicamente pela estrutura desigual do sistema capitalista e pela condição de dependência dos países de origem do migrante, e também ao que Marx chama de exército industrial de reserva.

2.4 Exército industrial de reserva

Marx (1984), identifica que a população trabalhadora excedente é essencial ao processo de produção e valorização do capital, ou seja, é a alavanca da acumulação capitalista.

Mas, se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa super-população (sic) torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independente dos limites do verdadeiro acréscimo populacional (...). Não basta à produção capitalista de modo algum o quantum de força de trabalho disponível que o crescimento natural da população fornece. Ela precisa, para ter liberdade de ação, de um

exército industrial de reserva independente dessa barreira natural. (MARX, 1984, ps. 200 e 202).

O que observamos é que a superpopulação relativa, que faz parte do exército industrial de reserva, é composta por uma massa de trabalhadores que não fazem parte diretamente da produção de mercadorias na forma de trabalho e emprego, mas são uma parte crucial da equação para a continuidade da exploração da classe trabalhadora que está empregada, como também, na determinação dos níveis de salários. Essa esfera se intensifica dentro do capitalismo dependente, principalmente frente a crises econômicas e sociais em que as condições de vida da população tornam-se mais inseguras e precárias, com a baixa de salários, desemprego e intensificação da exploração da sua força de trabalho. Sendo estes, um dos estopins para a migração internacional para países do centro do sistema capitalista, como forma de sobrevivência.

Deste modo, o processo migratório opera de forma fundamental no mecanismo de oferta de força trabalho, em alguns casos com médio nível de formação, mas que ocupam trabalhos de nível diferenciado no exterior, principalmente em função da diferença nacional dos salários. Os salários são maiores nos países centrais, o que gera para o trabalhador maior acesso a bens e serviços. Esta diferença dos salários é uma das maiores causas do processo migratório internacional. Essa problemática constitui um déficit nos países de origem, para a formação de uma mão de obra qualificada e desenvolvimento da sociedade.

Por outro lado, Heidemann (2004) traz uma nova perspectiva sobre a problemática, considera que os migrantes já não constituem mais um “exército industrial de reserva” e sim um “lixo social”. Dentro do contexto do capitalismo neoliberal, encontramos uma esfera de excesso de mão-de-obra e falta de emprego. Por esses motivos, o migrante moderno migra para fugir destas condições de seu país de origem para países do centro do sistema capitalista, como forma de sobrevivência.

Dadas as características estruturais da TMD e a compreensão de trabalho como mercadoria, e exército industrial de reserva, iremos tratar em seguida da diferença do valor da força de trabalho imigrante simples e complexa de acordo com as obras de Marx referentes à temática.

2.5 Trabalho simples e trabalho complexo

Segundo Marx, o valor da força de trabalho é determinada pelos meios necessários para criação e reprodução desse trabalho. Esse tempo de trabalho corresponde ao tempo socialmente necessário para produzir os meios de subsistência do trabalhador. Dessa forma, “o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor”. O valor da força de trabalho corresponde àquilo que é necessidade básica ao trabalhador, que é determinada pelos fatores históricos culturais e sociais.

[...] um produto histórico e, por isso, depende em grande medida do grau de cultura de um país, mas também depende, entre outros fatores, de sob quais condições e, por conseguinte, com quais costumes e exigências de vida se formou a classe dos trabalhadores livres num determinado local (MARX, 2013, p.246).

Para exemplificarmos a questão, um trabalhador na Itália consome vinho, isso é parte da determinação cultural local. Já no Brasil essa determinação não existe. Em determinados momentos históricos é possível dizer e analisar o que é necessário para uma população e a partir disso designar o valor da sua força de trabalho.

Nesse conjunto de meios de subsistência, estão incluídos também o custo de aprendizagem para qualificação do trabalhador, que podem ser traduzidos em trabalho simples e trabalho complexo, categorizados respectivamente a trabalho desqualificado e trabalho qualificado, Marx (2013).

[...] Esses custos de formação variam de acordo com o caráter mais ou menos complexo da força de trabalho. Assim, os custos dessa educação, que são extremamente pequenos no caso da força de trabalho comum, são incluídos no valor total gasto em sua produção. (MARX, 2013, p.246-247)

O trabalho simples é aquele que não necessita de formação, comum, como sublinha o filósofo alemão:

[O trabalho humano] é dispêndio da força de trabalho simples que, em média, toda pessoa comum, sem qualquer desenvolvimento especial, possui em seu organismo corpóreo. O próprio trabalho simples médio varia, decerto, seu caráter em diferentes países e épocas culturais, porém é sempre dado numa sociedade existente. (MARX, 2013, p.122, grifos no original).

Já o trabalho complexo é aquele que envolve uma formação intelectual e custo social. Se diferencia por essa qualificação adquirida. Marx vai dizer que o trabalho complexo é um múltiplo do trabalho simples.

O trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade menor de trabalho complexo é igual a uma quantidade maior de trabalho simples. (MARX, 2013, p.122)

O trabalho complexo está relacionado com a educação, formação e aprendizado dos trabalhadores, a qual consome mais tempo de trabalho para a produção dessa força de trabalho, e por isso, ela tem um valor mais elevado do que a força de trabalho simples. Como o valor dessa força é mais elevado, ela também se exterioriza num trabalho mais elevado, trabalho que cria, no mesmo período de tempo, valores proporcionalmente mais altos do que aqueles criados pelo trabalho inferior (MARX, 2013, p.274).

A grande questão que ligamos Marx com o processo migratório nesse ínterim, é o valor da força de trabalho migrante e sua mobilidade e o valor que realiza no país receptor. O valor da força de trabalho do imigrante já é intrinsecamente menor do que a força de trabalho de um nativo, principalmente quando falamos de fluxos de países periféricos para países centrais. Quando nos referimos ao trabalho simples, um trabalhador simples europeu tem um valor muito maior que um trabalhador simples na América Latina, por exemplo.

Nesse contexto, é criado um mecanismo de concorrência, onde os nativos acreditam que imigrantes estão roubando suas vagas de trabalho, abrindo espaço para discursos xenofóbicos, ainda é importante salientar que grande parte dos trabalhos ocupados por imigrantes não são de interesse da população local. Entre 2010 e 2015, a população imigrante ocupada no setor informal cresceu 67,1%, com predomínio de homens. (OBmigra, 2020). O capitalista novamente tem um ganho dentro desta engrenagem, pois aumentando a concorrência entre os trabalhadores, barateia a força de trabalho de todos.

Os custos da mão de obra variam de acordo com o conjunto de meios de subsistência para cada trabalhador em seu contexto social e local. O trabalhador migrante, não terá o mesmo custo que o trabalhador local, tanto em nível político quanto cultural, terá um valor menor, entretanto produzem a mesma coisa, por isso a migração, em grande contingente é o trabalho simples. Com rendimento/hora médio inferior do que o trabalhador imigrante no mercado formal, quase um terço dos informais cumprem jornadas de trabalho maiores que 44 horas. (OBmigra, 2020). A lógica do valor entra nesse cenário também por meio das remessas enviadas para as famílias do imigrante que se encontram no país de origem. Essa remessa enviada não acontece porque o trabalhador ganha mais, mas sim porque ele ganha um salário para um padrão de vida que ele não exerce, e também a diferença cambial.

Até aqui falamos sobre a exportação do valor do trabalho simples, agora analisaremos a partir da perspectiva da exportação do valor do trabalho complexo, que também podemos chamar de Fuga de Cérebros.

Os “cérebros” são, nesta primeira fase, profissionais altamente destacados, não só pelo seu nível de formação, mas, sobretudo, pelo nível de qualificação e pelo alto nível de desempenho profissional, reconhecido no seio do respectivo mercado. São, por isso, profissionais, susceptíveis de ofertas de trabalho diversas, normalmente caracterizadas pela existência de recompensas económicas mobilizadoras da deslocação. Incluem-se, portanto, artistas, quadros ligados ao desporto, cientistas e, fundamentalmente, altos quadros executivos de empresas que, nesta lógica, são atraídos, “empurrados” à procura de melhores condições, ou simplesmente “caçados” por empresas estrangeiras. (Araújo, E., Fontes, M. & Bento, s. (2013).

No caso do trabalhador complexo, em que foi investido tempo e um custo social para a formação deste indivíduo, há aqui uma exportação de valor, isto é, para formar essa força de trabalho foi investido um alto valor, que com sua migração, gera-se um déficit no país de origem, uma vez que seu investimento social foi exportado.

Outro caso é quando o trabalhador é qualificado em seu país de origem e migra e passa a ser trabalhador simples. Mais de 50% dos trabalhadores imigrantes no setor informal possuíam nível de instrução médio completo ou superior. O estudo sugere que boa parte dessa força de trabalho encontra-se em ocupações que exigem menor qualificação do que elas possuem. (OBmigra, 2020). Aqui é evidente a destruição do valor. Do ponto de vista do mercado mundial, o trabalhador complexo que segue sendo um trabalhador complexo no exterior será um problema para seu país de origem, entretanto um ganho para a burguesia local, mas ainda esta mão de obra está em uma atividade útil à humanidade. Porém em um cenário que o trabalhador complexo ao migrar passa a ser trabalhador simples, como por exemplo um médico que migra e vira trabalhador informal, terá uma destruição do valor que foi embutido no processo de formação do indivíduo.

O argumento que sustentamos é o de que, quando a Teoria Marxista da Dependência entrou em foco, discutia-se as transferências de mercadoria, mas não a própria mercadoria trabalho que pode ser exportado, isso porque, quanto Marini (1991) desenvolveu sua teoria a migração não era uma fenômeno concreto como nos dias atuais, assim como o capitalismo não tinha atingido sua nova fase, o neoliberalismo.

2.6 Migrações e neoliberalismo

Amaral (2012) faz um panorama sobre aquilo que denomina como a nova fase da dependência, isto é, a estratégia neoliberal de desenvolvimento, imposta pelos países do centro do capitalismo mundial aos da periferia do sistema e incorporada por esses. O atual período de crise é marcado pelo neoliberalismo e pela reestruturação produtiva, características da acumulação flexível, que tem um caráter destrutivo de grandes proporções (ANTUNES, 2015). Com a globalização do capitalismo, a partir da década de 1970, desenvolvem-se novas dinâmicas dentro da sociedade do trabalho, como a crescente precarização do trabalho (ANTUNES, 2015). Esse período é marcado por mudanças na dinâmica de produção e reprodução do capital, como também nos regimes de acumulação, voltados para uma acumulação flexível, tendo impacto direto no mundo do trabalho, resultando em flexibilização e precarização de suas condições.

Ferreira (2005) sublinha que as migrações internacionais no período de globalização apresentam novas características.

As novas causas dos movimentos migratórios, se pautam sobretudo nas atuais determinações do modo de produção e reprodução ampliada do capitalismo, referentes às novas mudanças promovidas pela internacionalização e desregulamentação dos mercados, aumento do exército industrial de reserva e da exploração e precarização do trabalho, como também do desenvolvimento tecnológico e dos meios de transporte, que facilitam a possibilidade de deslocamentos humanos. (ISMAEL, ROSALIN, NASCIMENTO).

A tese que nos guia é justamente a de que, o modo de produção capitalista e sua mais recente conjuntura (neoliberalismo), são um dos principais responsáveis pela flexibilização, terceirização e mobilidade de pessoas ao redor do globo. Não apenas mobilizou vidas como é também reprodutor das desigualdades sociais. O indivíduo migra para acompanhar as dinâmicas do capitalismo, e isso se intensifica nos marcos do capitalismo atual.

Com a evolução do capitalismo mundial, a perspectiva neoliberal de desenvolvimento ganha espaço teórico e ideológico no último quarto do século XX e é justamente nos países periféricos que sua efetiva implementação ocorreu de forma pioneira e concentrada, aprofundando sua situação de dependência. (Amaral 2012, p.3).

Mascaro (2013) concebe o neoliberalismo como um modo de regulação, e que junto a ele se estabelece um regime de acumulação baseado na financeirização (capitais financeiros internacionalizados). Este, ganhou força economicamente e politicamente no fim da década de 1970, com pautas de privatizações, tanto em cunho na compra de empresas estatais por grupos estrangeiros, como também na espoliação; crescimento e mobilidade de capital; desregulamentação da economia; desmonte de previdências públicas, entre outras questões.

O modelo neoliberal agravou as desigualdades já existentes nos países dependentes, ampliando problemas como a falta de empregos, concentração de renda, privatizações, desvalorização da moeda, levando ao enfraquecimento econômico e por conseguinte condições de trabalho cada vez mais precárias. Leiva (2009) sublinha que com a adoção do neoliberalismo na América Latina, fez com que o subdesenvolvimento se aprofundasse mais ainda. O que se tem é, portanto, o “desenvolvimento do subdesenvolvimento”, expressão de Frank (1970) para dizer que, “quanto mais cresce a economia dependente, mais ela aguça as diferenças específicas que a separam do capitalismo existente nos países avançados” (Marini, 1992: 89). Traduzindo-se em pobreza e queda da distribuição de renda.

Dessa forma, fomentam as novas modalidades de exploração intensificada do trabalho e nova esfera da superexploração, aliadas ao desenvolvimento tecnológico. Em escala mundial, corrobora para as formas de trabalho flexível, que estão à disposição para manter a reprodução, valorização e acúmulo do capital. É nesse íterim que os imigrantes assumem um novo papel na esfera econômica, como proletariado global.

Os enormes contingentes de imigrantes globais, em seus novos fluxos migratórios, [que] ampliam ainda mais os bolsões de trabalhadores sobrados, descartáveis, subempregados e desempregados em escala planetária. (ANTUNES, 2018, p. 89).

Temos aqui, uma mobilização da força de trabalho imigrante, cada vez mais precarizada, que atende as necessidades do capital e sua valorização. Percebe-se, assim, o crescimento das emigrações em países pobres, tanto vinculadas a fatores econômicos como também políticos, guerras e desastres ambientais, todos relacionados diretamente à lógica de reprodução ampliada do capitalismo (BAENINGER, 2018).

Kurz (2006) traz um panorama sobre a migração universal na atual conjuntura, com predomínio das migração de países dependentes/periféricos para os grandes centros econômicos, como também as migrações internas e regionais, de locais mais pobres para mais ricos. Ademais, o autor aponta que, a maioria dos imigrantes realizam trabalhos precarizados e subemprego.

No período atual, o desemprego junto a flexibilização do trabalho e das tecnologias, são os motivos precursores que levam a grande massa de trabalhadores a se deslocarem geograficamente pelo mundo em busca de melhores condições para venda da sua força de trabalho como forma de sobrevivência.

É nesse contexto hegemônico do neoliberalismo como modelo econômico que moldou novas formas de exploração da força de trabalho e aumento da acumulação de mais-valia.

É importante destacar que, os imigrantes não se deslocam de maneira espontânea, como afirmam os teóricos burgueses, mas são forçados a se mover no espaço e no tempo pela necessidade de sobreviver em um mundo dominado pela lógica da reprodução do capital. Sua única opção é se deslocar para lugares onde possam vender sua força de trabalho para assegurar sua própria sobrevivência. Visto que, os imigrantes, em sua maioria encontram-se no mercado de trabalho informal e precarizado, resultando na superexploração do seu trabalho e acúmulo de capital nos países receptores. Formando assim, uma nova esfera de produção e realização do valor no centro das relações capitalistas de produção.

3. METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia a combinação de diferentes técnicas e instrumentos a fim de responder ao questionamento central da pesquisa científica, este pautado no estudo das migrações internacionais, levando em conta o viés trabalho e a “transferência do valor-trabalho” a partir do deslocamento da força de trabalho imigrante no formato valor-mercadoria e sua superexploração no país receptor.

A pesquisa envolveu uma ampla base de trabalho bibliográfico e documental, que exigiu levantamentos detalhados de informações. Além disso, houve a elaboração de um questionário a ser aplicado durante o trabalho de campo, que subsidiou análises e interpretações posteriores aqui apresentadas.

Existem diferentes tipos de técnicas que podem ser utilizadas no trabalho acadêmico, entre elas a pesquisa bibliográfica, instrumentos quantitativos e qualitativos, como por exemplo análise e sistematização de dados e entrevistas respectivamente. Dessa forma, usufruímos de diversos métodos para interpretar como ocorre a mobilidade da força de trabalho de pessoas latino-americanas e como os processos de transferência de valor/trabalho acumulam riqueza nos países receptores,

Com a intenção de responder esta questão central, utilizamos como parte das técnicas para a construção deste estudo um levantamento documental de dados, utilizando referenciais como dados quantitativos do IBGE, Ministério de Relações Exteriores, Relatórios do OBmigra (Observatório das migrações internacionais). Estas fontes forneceram a base de dados relacionados à migração internacional.

Utilizamos referenciais voltados para o processo de migração internacional, como as obras de Gaudemar (1977); Carlos Nolasco (2016) e principalmente Ana Batarce (2016), que realizou pesquisas voltadas a imigração de mulheres brasileiras para o Reino Unido, servido como análise comparativa para os dados coletados na presente pesquisa.

Assim, em uma segunda etapa, chegamos à conclusão de que a maneira mais eficaz de entender a realidade desses imigrantes seria por meio da aplicação de um questionário, ou seja, através de uma abordagem quanti-qualitativa. Com os dados coletados, esperamos, no futuro, contribuir para a construção de um banco de dados sobre os trabalhadores imigrantes brasileiros que residem no Reino Unido.

As entrevistas com as populações migrantes, teve como finalidade identificar os tipos de inserção e as condições de trabalho, segmentando a análise qualitativa por subgrupos de imigrantes (como gênero, etnia, renda e nível de escolaridade). Dessa forma, foi possível

entender como essas características influenciam as condições de vida do sujeito migrante, em especial suas condições de trabalho.

Partindo para a aplicação dos questionários, três estratégias foram traçadas. A primeira consistiu em utilizar redes de contato pessoais já existentes, como as conexões do próprio orientador da pesquisa, o que possibilitou a aplicação da técnica de “bola de neve”. Segundo Bernard (2005), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (*Hard-to-find or hard-to-study populations*) ou que não há precisão sobre sua quantidade. Segundo Biernacki e Waldorf (1981):

Bola de neve [“snow ball”] ou amostragem em cadeia de referência é um método que tem sido amplamente utilizado na pesquisa sociológica qualitativa. Os métodos produzem uma amostra do estudo através de referências tomadas entre pessoas que compartilham ou conhecem outras pessoas que possuem algumas características que são de interesse de pesquisa. O método é adequado quando o foco do estudo é sobre uma questão sensível, possivelmente, assuntos relativamente privados e que, portanto, requer o conhecimento dos “insiders” para localizar as pessoas do estudo.

Em um segundo momento, a ideia principal era realizar entrevistas de maneira remota com contatos preexistentes, com perguntas abertas, utilizando a pesquisa qualitativa, a fim de coletar relatos, experiências e respostas pontuais. Entretanto, durante este caminho, nos vimos na inviabilidade de coletar um número considerável de entrevistas e analisar estes dados em um curto espaço de tempo. Dessa forma, delimitados que para coletar os dados e realizar seu tratamento de maneira mais eficaz, optamos por um questionário fechado com 30 questões, porém com algumas questões abertas para coletarmos algumas experiências particulares dos migrantes. Em sua construção tem-se questões de respostas fechadas (múltipla escolha), permitindo obter informações que possibilitam a comparação com outros instrumentos de coleta de dados.

Concluimos que o questionário deveria ser funcional com uma abordagem objetiva, para incentivar o público a respondê-lo, portanto, deveria ser curto e preciso com o limite máximo de 15 minutos para ser respondido.

A aplicação do questionário online ocorreu de duas formas. A primeira com os contatos pré-existentes, no âmbito privado, foi lhes enviado o link dos questionários através de aplicativos de bate-papo. Como segundo caminho foi a utilização de redes sociais como o Facebook, para a aplicação online do questionário. Dentro do Facebook há diversos grupos que se direcionam para diferentes objetivos e funções de comunicação. Dessa forma, dentro

da plataforma foi possível entrar em grupos/comunidades de brasileiros que vivem no Reino Unido, em especial Londres, que utilizam destes grupos para pedir ajuda, orientações, oferta e procura de emprego, questões relativas à migração, divulgação de informações, eventos brasileiros, cursos, entre outros. Sendo assim, com essa ferramenta foi possível publicar o questionário nas redes (nos grupos mencionados) com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas possíveis, para então atingirmos uma quantidade razoável de respostas para posterior análise. Os grupos em que foram publicados o questionário foram: Brasileiros em Londres UK; Brasileiros em Londres 2024; Brasileiros em Manchester; Brasileiros em Londres UK 2 e Brasileiros em Londres.

A aplicação do questionário, nesta pesquisa, trouxe informações importantes que contribuíram para traçar o perfil do trabalhador imigrante brasileiro e principalmente para fazer uma análise comparativa entre as condições de vida no seu país de origem e no país que reside atualmente depois da migração. Especialmente nos pontos que tange sua condição financeira, grau de escolaridade, pertencimento étnico, status migratório etc.

Nesse ínterim, mudamos de caminho algumas vezes a fim de chegarmos o mais perto da resposta que estamos buscando, por isso foi essencial o conhecimento de diferentes técnicas de pesquisa até chegarmos a um compilado daquelas que fariam sentido o uso no presente trabalho.

3.1 Da aplicação dos questionários

Para traçar o perfil dos trabalhadores imigrantes brasileiros na Inglaterra, foram aplicados 37 questionários composto por 30 questões, estruturadas em três eixos. O primeiro, é focado em conhecer os entrevistados e delinear seu perfil, tem-se a categoria de gênero; pertencimentos étnicos; faixa etária; estado civil; composição familiar e se possui filhos. O segundo diz respeito às condições de trabalho, que abarcam: escolaridade; profissão; qualificação profissional no RU; finanças; tipo de trabalho que realiza; formalidade ou informalidade do trabalho; jornada de trabalho e problemas no trabalho. O terceiro e último eixo, com questões relativas ao movimento migratório que o indivíduo realizou e a comparação de vida em relação ao país de origem e o país receptor (nesta caso, Reino Unido), com questões relativas a moradia; ano em que decidiu migrar; status migratório (relação com visto); idioma, entre outros. Dessa forma, a análise realizada nesta pesquisa apoiou-se nos resultados provenientes destes questionários.

A possibilidade de acesso ao questionário virtualmente deu maior fluidez à pesquisa. Criamos o questionário por meio da plataforma “*Google Forms*” ou Formulários do Google®, que tornou a coleta dos dados flexível, pois foi possível elaborar questões com resposta de múltipla escolha, mas também perguntas com respostas abertas, passíveis de escrita. A utilização do programa foi vantajosa pois ele forneceu as respostas tabuladas e com gráficos em diferentes formatos.

Ressaltamos a garantia da confidencialidade e do anonimato dos participantes neste processo. Desta forma, antes do início das questões, era apresentado no formulário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para participação efetiva da pesquisa. Os dados coletados estão armazenados em uma conta que apenas a pesquisadora teve acesso, garantindo a confidencialidade dos participantes.

Por fim, ressaltamos que devido ao número pequeno de respostas, não podemos afirmar que os resultados refletem integralmente a realidade dos imigrantes brasileiros no Reino Unido. Porém acreditamos que as respostas ilustram as condições de muitos imigrantes internacionais.

4. AS CONDIÇÕES DE REPRODUÇÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES NO REINO UNIDO.

As Recomendações das Nações Unidas sobre Estatísticas da Migração Internacional definem um “migrante internacional” como qualquer pessoa que tenha mudado de país de residência habitual. A expansão da mobilidade espacial, independente da motivação, pode ser observada na Tabela 1, levando em conta os anos de 1970 até 2020.

Tabela 1- Migrantes internacionais, 1970-2020.

Ano	Número de Imigrantes	Participação na População Mundial (%)	Variação Anual (%)
1970	84.460.125	2,3	
1975	90.368.010	2,2	6,99
1980	101.983.149	2,3	12,85
1985	113.206.691	2,3	11
1990	152.986.157	2,9	35,13
1995	161.289.976	2,8	5,42
2000	173.230.585	2,8	7,4
2005	191.446.828	2,9	10,51
2010	220.983.187	3,2	15,42
2015	247.958.644	3,4	12,2
2020	280.598.105	3,6	13,16

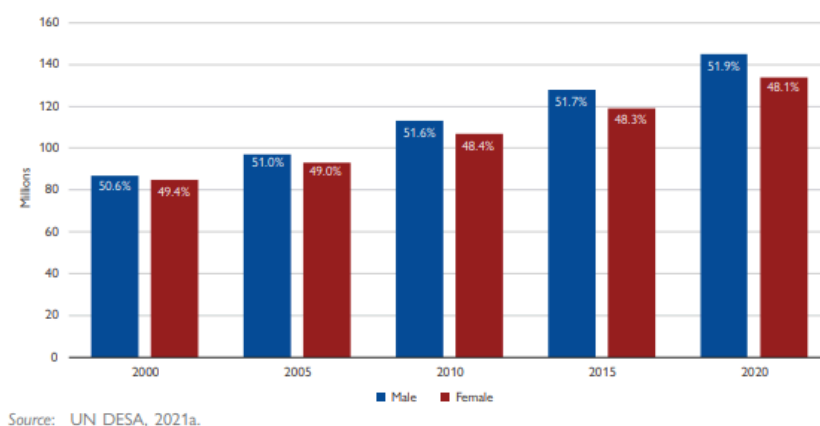
Fonte: OIM (2020)-Organização da autora.

No geral, o número estimado de migrantes internacionais aumentou nas últimas cinco décadas. O total estimado de 272 milhões de pessoas que vivem em um país que não seja o seu país de nascimento em 2019 foi 119 milhões a mais do que em 1990 (quando era de 153 milhões) e mais de três vezes o número estimado em 1970 (84 milhões) (tabela 1). Trata-se do resultado de estudos realizados pelo IOM (International Organization for Migration em seu “World migration report 2020”, o órgão é responsável por auxiliar em todas as formas de mobilidade e seus impactos, atua também com o objetivo de salvar vidas e proteger pessoas em movimento; impulsionar soluções para o deslocamento e facilitar vias para a migração regular.

A terceira coluna da tabela “Variação (%)” foi uma adição nossa aos dados a fim de quantificar e analisar a variação percentual entre os períodos com maior fluxo migratório.

Podemos relacionar os períodos de 1970-1975 com 12,85% de variação com o final de conflitos e a Guerra do Vietnã, que gerou grandes fluxos de refugiados para outros países, especialmente Estados Unidos (SANTOS, 2018). O período com maior variação é referente aos anos de 1985 a 1990, com 35,13%, podemos associar a isso o fim da Guerra Fria e a abertura de fronteiras na Europa Oriental, permitindo maior mobilidade, como também ao colapso de regimes autoritários na América Latina (Chile, Argentina e Brasil) que gerou fortes ondas migratórias (MOULIN, 2012). Entre os anos de 2015 a 2020, com 13,16%, que foram marcados pela crise migratória europeia de 2015, com um pesado fluxo de refugiados da Síria, Afeganistão e países africanos, resultando em um aumento no número de migrantes internacionais. A tabela reflete como a dinâmica migratória responde diretamente ao contexto global de cada década. Não podemos deixar de adicionar a essas vertentes as confissões de crises climáticas e consequentemente o avanço do neoliberalismo que implica diretamente na locomoção de indivíduos pelo mundo.

Figura 1- Migrantes Internacionais, por sexo.

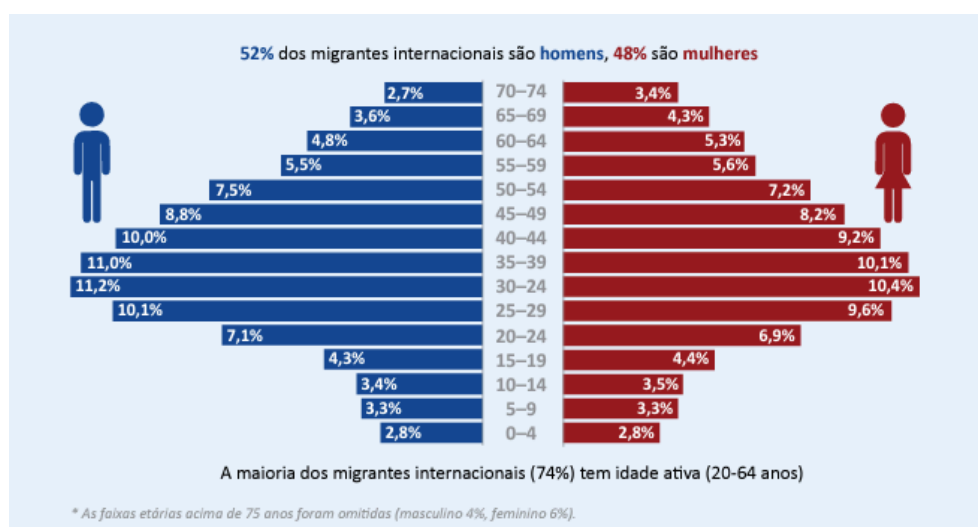


Fonte: OIM (2020).

Apontamos, na figura 1, a participação de homens e mulheres no movimento migratório internacional, segundo os dados do *World migration report 2024*. Atualmente, há um número maior de migrantes internacionais do sexo masculino do que feminino em todo o mundo. Em 2000, a divisão entre homens e mulheres era de 50,6 a 49,4 por cento (ou 88 milhões de migrantes do sexo masculino e 86 milhões de migrantes do sexo feminino). Em 2020, a divisão era de 51,9 a 48,1 por cento, com 146 milhões de migrantes do sexo masculino e 135 milhões de migrantes do sexo feminino, como ilustrado no gráfico 2. Embora

os números mantenham um certo equilíbrio em termos percentuais, dois fenômenos distintos ocorrem ao longo do período as mulheres passam a migrar isoladamente e passam também a se integrar de forma mais independente no mercado de trabalho.

Figura 2- Pirâmide etária da população de imigrantes internacionais por sexo em 2019.

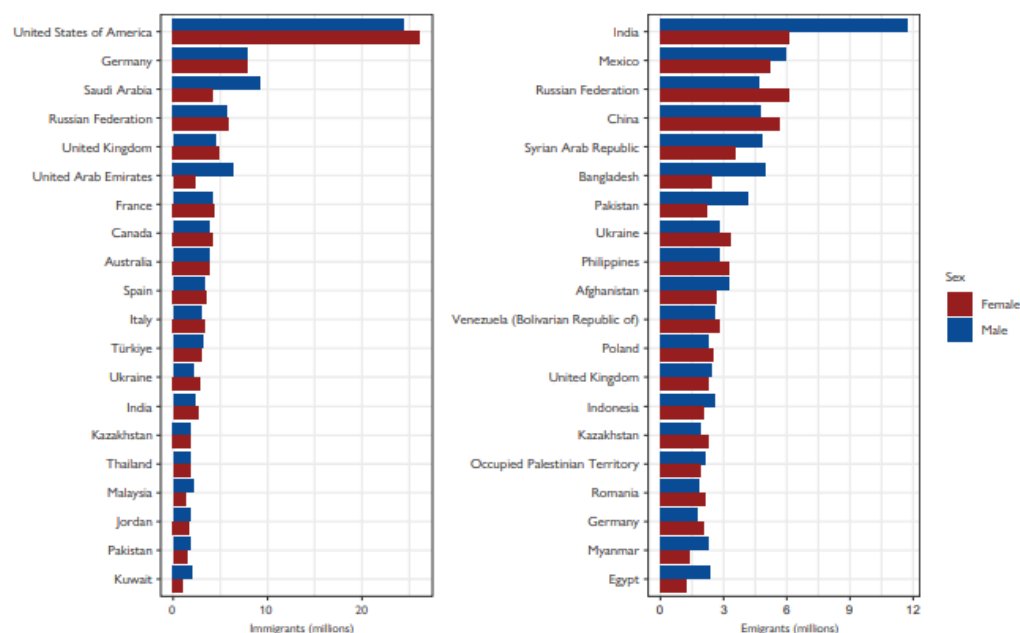


Fonte: OMI (2020).

A pirâmide etária apresentada reúne vários elementos analíticos. Primeiro, a maioria dos imigrantes está na faixa de idade ativa (20-64 anos), o que indica que muitos migram em busca de oportunidades de trabalho, o que corrobora com o que defendemos em nossos estudos, a migração induzida pelo trabalho. Os homens têm uma porcentagem ligeiramente maior nas faixas de 20 a 34 anos, provavelmente devido a questões culturais e econômicas, onde em alguns contextos, os homens são incentivados a migrar para buscar emprego e pela migração masculina ser um processo menos vulnerável em comparação a feminina, devido a diversidade de condições e circunstâncias que as mulheres em deslocamento usualmente enfrentam, como o risco de sofrerem abusos sexuais. Também podemos associar a diferença de idade e longevidade, as mulheres com idade superior a 60 anos migram em maior número, pois tendem a ter maior expectativa de vida que os homens. Uma pessoa nascida no Brasil em 2022 tinha expectativa de viver, em média, até os 75,5 anos. Para os homens, esta expectativa era de 72,0 anos e para as mulheres, de 79,0 anos, o que pode refletir essa longevidade, soma-se a isso motivos familiares, como a busca por auxílio de filhos ou familiares em outros países.

A figura 3 abaixo, apresenta que os Estados Unidos da América são o principal país de destino dos migrantes internacionais desde 1970. Seguido da Alemanha, Arábia Saudita, Federação Russa, e em quinto lugar Reino Unido. Pautado nessas informações, focamos nossos estudos nos migrantes internacionais com destino para o Reino Unido (RU), justamente por compor um dos cinco países do mundo que mais recebem imigrantes, com quase 5 milhões de migrantes internacionais por sexo.

Figura 3-Migrantes internacionais, por sexo, 20 principais países de destino (esquerda) e países de origem (direita) (milhões).



Source: UN DESA, 2021a.

Note: * This includes territories.

Fonte: IOM (2024).

O governo brasileiro publicou estimativas sobre o tamanho das comunidades brasileiras residentes no exterior, obtidas de seus consulados e embaixadas, que, por sua vez, se basearam em uma gama de fontes locais oficiais e extra oficiais. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores (2022), existem 220 mil brasileiros vivendo no Reino Unido. Na Europa, é o segundo país que mais recebe imigrantes brasileiros, atrás apenas de Portugal.

Voltando-nos para a pesquisa realizada por Evans (2020) “Brasileiros no Reino Unido”, temos a relação da distribuição geográfica de brasileiros no país. De acordo com a autora, com base no Censo Britânico de 2011, a maior parte dos brasileiros (50.570) residia na Inglaterra e no País de Gales. Um total de 1.194 brasileiros residiam na Escócia, e outros 384 brasileiros eram residentes na Irlanda do Norte. Contudo, três quintos da população imigrante brasileira residiam em Londres (31.357), constituindo a maior parcela da população total no Reino Unido.

Dada a contextualização geral de dados sobre a migração mundial e particularmente a migração para o Reino Unido, trataremos a seguir da população brasileira migrante entrevistada que compôs o banco de dados do presente trabalho.

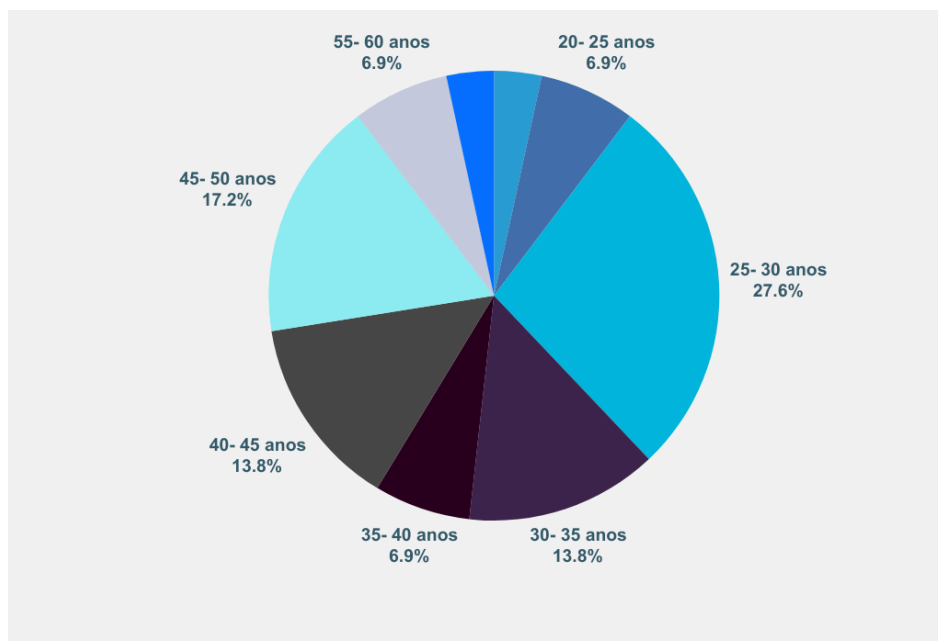
4.1 Caracterização demográfica da população pesquisada

4.1.1 Perfil Social dos Imigrantes

A fim de delinear as características demográficas dos trabalhadores brasileiros participantes desta pesquisa, apresentaremos os resultados relacionados a gênero, faixa etária, pertencimento étnico, educação, qualificação profissional, status migratório, questões relativas ao trabalho e comparação de vida entre o país de origem e o país receptor. Os dados foram coletados a partir da aplicação dos questionários da presente pesquisa.

Em termos da composição por gênero, a amostra obtida revelou uma proporção maior de mulheres (63%) do que homens (37%), a partir disso, podemos interpretar que as mulheres são mais acessíveis a abordagem utilizada, uma vez que este grupo tende a participar de atividades interativas online, como responder questionários, especialmente em plataformas de redes sociais, para fins estatísticos, 55,7% dos usuários do Facebook são mulheres (STATISTA, 2024). No que se refere a faixa etária, foram criados grupos etários, como pode ser observado no gráfico 1. O primeiro grupo com um intervalo de dois anos e a partir do segundo grupo com o intervalo maior de 5 anos. Os principais grupos etários correspondem às faixas de 25 e 30 anos (27%) e 45 a 50 anos (17%). Foi possível analisar que as mulheres predominaram na faixa de 25 a 30 anos, os homens predominaram na faixa de 45 a 50 anos.

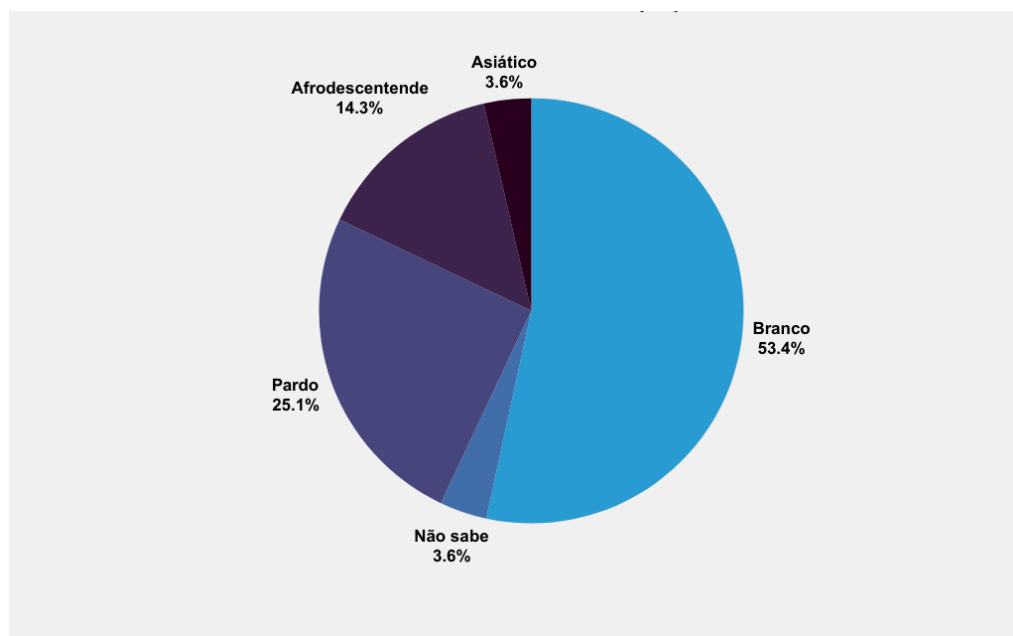
Gráfico 1 – Faixas etárias dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

No que diz respeito ao pertencimento étnico, o gráfico 2 revela que, 53% da amostragem considera-se branco, 25% pardo, 14% afrodescendente e 3,6 % asiático e 3,6% não sabe ou não se identificou. O levantamento revelou que a maioria das mulheres são brancas (55%), 30% pardas e 10% consideram-se afrodescendentes. Em relação aos homens, 45% são brancos, 27% afrodescendentes, 18% pardos e 9% asiáticos.

Gráfico 2- Pertencimento étnico dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Os resultados afirmam que a maioria dos trabalhadores imigrantes brasileiros são brancos, isso nos remete a perspectiva de Batarce (2016)

[...]em relação a existência da conformação da estrutura de classes no interior do processo migratório, reafirmando, assim, tanto a desigualdade social quanto a desigualdade racial existente no Brasil, portanto, migrar não é para todos. É nítido a transposição da estrutura de classes na migração, pois a cor representa classe social no Brasil. (BATARCE, p.180).

No Brasil, o capitalismo industrial monopolista impacta diretamente no desenvolvimento desigual do país, e consequentemente na marginalização da população preta em relação ao desemprego e subemprego. Se voltarmos às ideias de Lelia Gonzales (2020), estes sujeitos estão vinculados à baixa escolarização, baixos salários, serviços precários expostos e suscetíveis a violência e criminalização, não apresentam condições de migrar em sua grande maioria. Isso explica porque a migração voluntária, aspirações ou por trabalho é seletiva. A população negra enfrenta uma série de desvantagens em termos de acesso à educação, trabalho e acesso a oportunidades, essas desigualdades se estendem à migração. Pessoas brancas, historicamente têm mais recursos financeiros e sociais, dessa forma conseguem migrar mais facilmente, têm condições de arcar com os riscos associados ao

deslocamento. Fato que corrobora com as respostas coletadas da pesquisa, em que mais da metade da população imigrante entrevistada é branca.

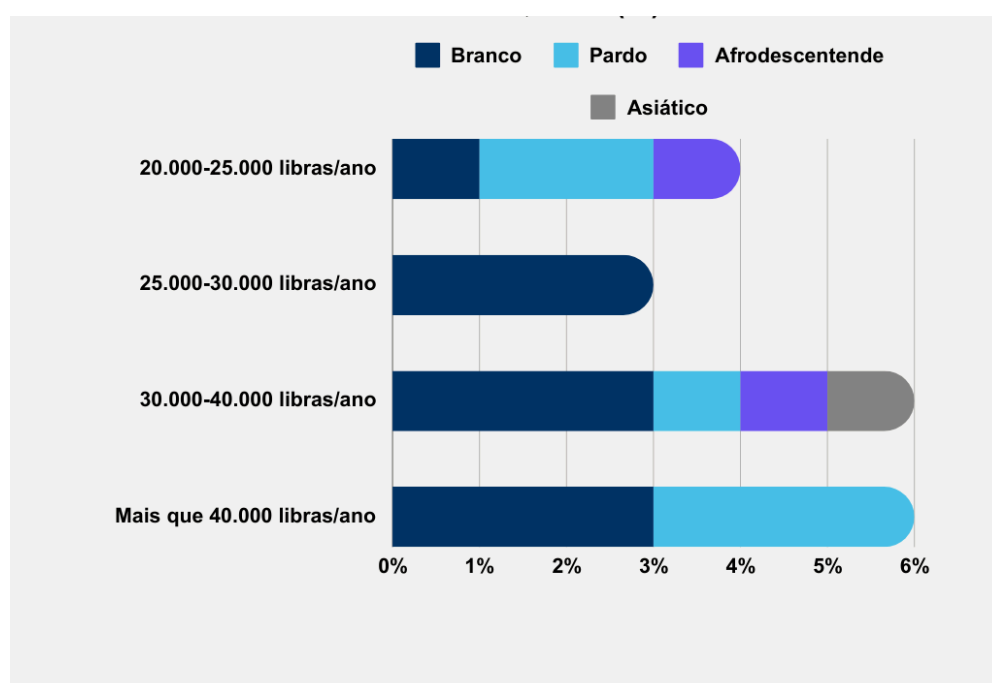
Outro ponto importante que destacamos é que, o racismo estrutural permeia as barreiras migratórias. Isso pode incluir a burocracia do preconceito na concessão de visto. O Reino Unido exige visto de 97 países. Desse total, 49 são africanos. A média de recusas de vistos para demandantes africanos é mais que o dobro da média global. Soma-se a discriminação sofrida no país receptor, dada a condição de imigrante com a cor da pele. Assim, a migração se torna uma experiência mais difícil e, muitas vezes, inatingível para a população preta.

Por último, a migração de pessoas negras pode ser mais frequentemente forçada por condições de vida insustentáveis, como citadas acima, ao contrário da migração voluntária que muitos brancos podem experienciar. Isso implica que, enquanto alguns grupos têm a liberdade de escolher migrar, outros são empurrados para essa decisão por circunstâncias adversas.

Essas associações mostram como a condição socioeconômica e racial dos negros no Brasil não apenas limita suas oportunidades dentro do país, mas também influencia suas possibilidades de migração internacional, refletindo um padrão mais amplo de desigualdade global.

Observamos, então, de acordo com o gráfico 3, que ao relacionarmos os salários com as duas principais categorias étnicas, branco e pardo, não evidenciamos impactos relevantes na faixa salarial dos brasileiros que responderam ao nosso questionário associado a estas duas categorias, entretanto ainda é possível analisar que nas categorias de 25.000-30.000 libras/ano a mais que 40.000 libras/ano, categorias de maior renda salarial, é notável a predominância de pessoas brancas, podendo ser associado a cor com o aumento da renda, apesar da categoria 40.000 libras/ano ter a mesma porcentagem entre pessoas brancas e pardas. Apesar disso, nos demais campos há a predominância de pessoas brancas em um contexto geral. Ademais, na categoria de renda salarial inferior, referente a 20.000-25.000 libras/ano temos a maioria de pessoas autodeclaradas pardas e afrodescendentes se somadas. Isso aponta para um contexto estrutural e social em que pessoas brancas ocupam maiores cargos e postos de liderança, e por consequência maiores salários, reflexo das desigualdades dos países dependentes. Por outro lado, os dados demonstram de maneira geral que a condição “migrante” é determinante na forma de inserção econômica, embora ocorra alguma variação nas categorias étnicas, a condição de migrante coloca este sujeito em subalternidade e superexploração do trabalho.

Gráfico 3- Etnia por renda salarial dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

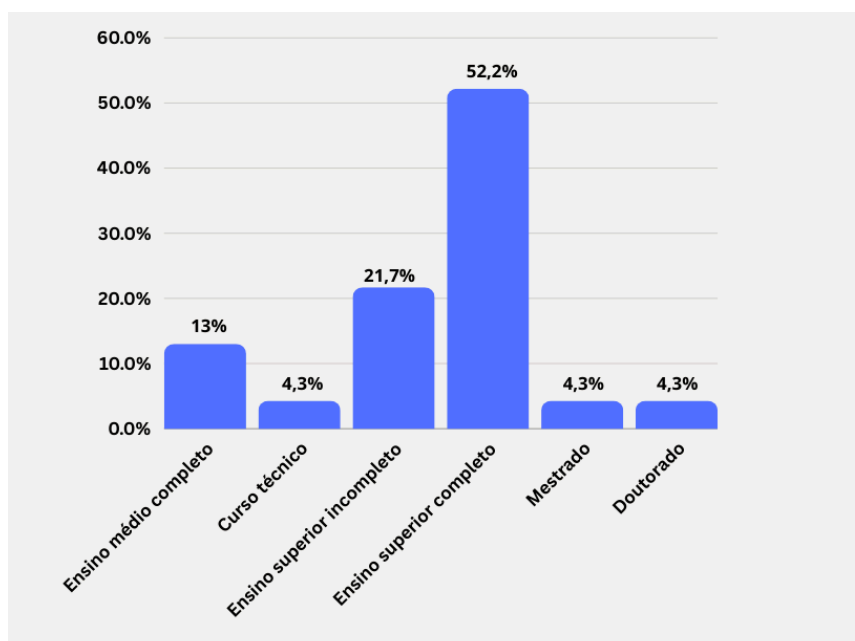
Os dados apresentados até aqui, auxiliaram na elaboração de um panorama geral do perfil dos imigrantes participantes da pesquisa, com recorte de gênero, faixa etária, etnia e renda salarial.

4.1.2. Trabalho emprego e formação profissional

Nos interessa agora, adentrar nas categorias referentes a escolaridade e trabalho. O principal dado que concentramos em nossa análise é a relação entre grau de escolaridade e se o indivíduo exerce sua qualificação profissional no Reino Unido (RU). Quanto ao grau de

escolaridade, os resultados mostram que mais de 50% dos imigrantes entrevistados têm ensino superior completo, entretanto mais de 65% não exerce sua qualificação profissional no Reino Unido, como demonstrado nos gráficos abaixo.

Gráfico 4- Grau de escolaridade dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

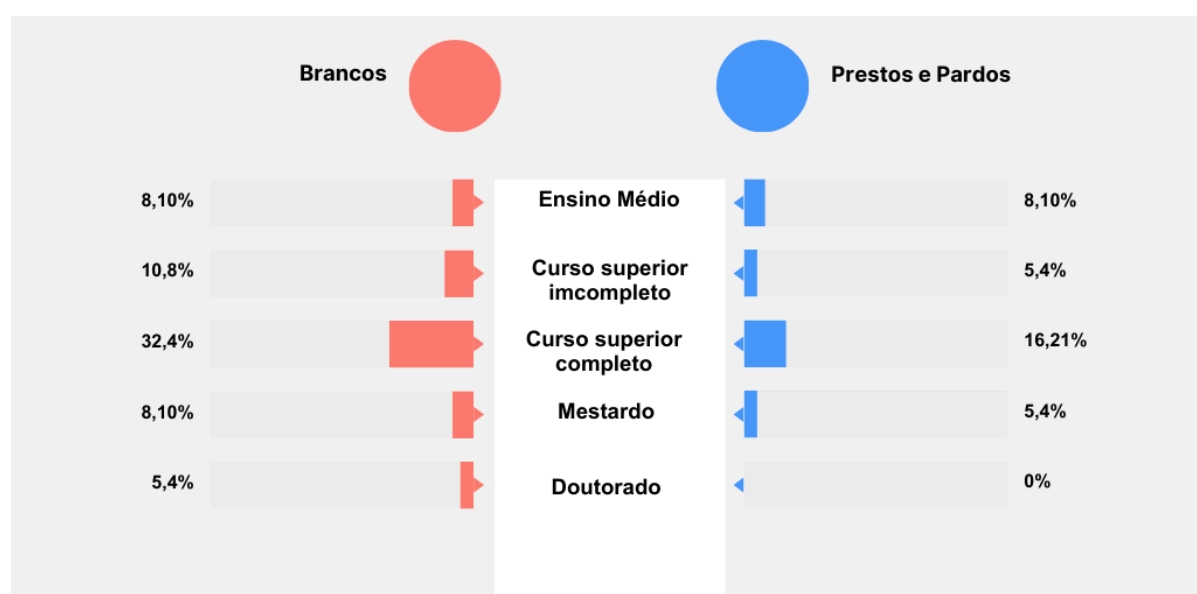
Na divisão por gênero, as mulheres se encontram com maior grau de escolaridade, representando 20% com ensino médio completo; 45% com ensino superior completo; 15% com ensino superior incompleto; 20% mestrado e 10% doutorado. Enquanto para os homens, 9% com ensino médio completo; 63% com ensino superior completo; 9% ensino superior incompleto e 18% com curso técnico. Levando em consideração que temos a predominância de mulheres migrantes que responderam ao questionário, por conseguinte temos uma gama maior de respostas em relação aos diferentes tipos de grau de escolaridade. Os participantes citaram mais de 10 cursos de graduação, entre eles: Geologia; Teologia; Biologia; Arquitetura e Urbanismo; Engenharia de controle de automação; Publicidade e Propaganda; Gestão Comercial; Medicina Veterinária; Biomedicina; Letras e Farmácia. O curso mais mencionado, individualmente, foi o de Gestão Comercial.

Ao fazermos o cruzamento entre etnia e nível de escolaridade, temos resultados interessantes. Nossa pesquisa identificou que pessoas que migram têm curso superior, entretanto, ratificam a seletividade da migração. Os dados apontam 32,4% das pessoas brancas que responderam ao questionário têm ensino superior completo, esse número cai pela

metade quando nos referimos a pessoas pretas e pardas, resultando em 16,21% dos casos. Nos casos de mestrado, 8,10% são brancos, 5,4% pretos e pardos e para nível doutorado, 5,4% são brancos e não obtivemos respostas de pessoas pretas e pardas com doutorado. Negros no Brasil praticamente não tiveram acesso ao nível educacional superior, e isso se estende para as questões migratorias. Mesmo com a implementação de políticas de reserva de vagas no país que assegura, o acesso de candidatos que cursaram o ensino médio em escolas públicas e a política de cotas raciais, as práticas étnico-raciais segregacionistas ainda existem no país, a implementação dessas políticas não é suficiente para eliminar as desigualdades raciais no acesso ao ensino superior. (AVERSA, SOUZA, 2022).

A migração a que nos referimos é predominantemente branca e com ensino superior completo, indicando que as políticas de inclusão ainda não são suficientes para garantir a igualdade de oportunidades, tanto no acesso ao ensino superior quanto no processo migratório. Dados do IBGE (2016) indicam que o aumento percentual de pretos nas universidades é de 5,5% para 12,8% entre 2005 e 2015, em comparação com o crescimento de 26% para brancos nos mesmo período. Embora reconheçamos que as cotas tenham contribuído para o aumento e acesso de alunos de escolas públicas, incluindo negros e pardos, ainda há desafios significativos e estruturais a serem rompidos. Isso se reflete na predominância de imigrantes brasileiros brancos (no caso da presente pesquisa) para o Reino Unido, expressando as desigualdades estruturais do país de origem.

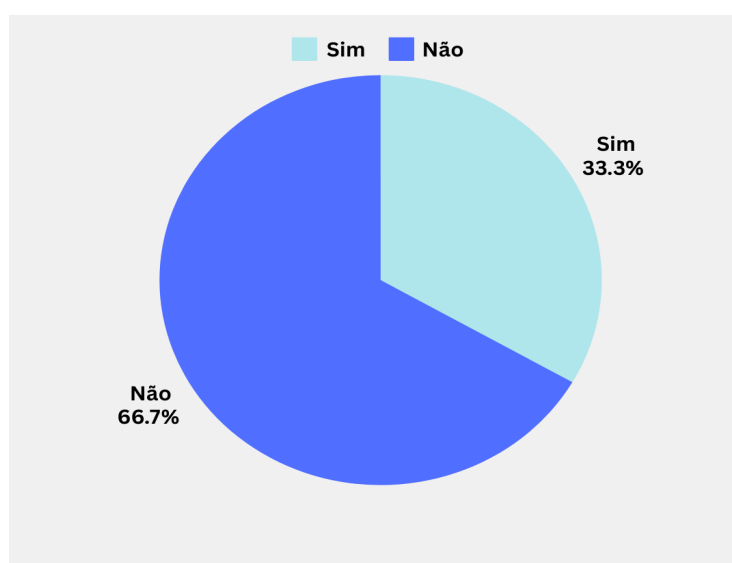
Gráfico 5- Gráfico de comparação- Etnia e Escolaridade dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

No que se refere ao gráfico 6 “Exerce qualificação profissional no Reino Unido”, mais de 65% dos indivíduos dizem não exercer sua qualificação profissional no RU. Refletindo diretamente na destruição do valor da força de trabalho, uma vez que esta força de trabalho foi exportada e não utilizada, ao que podemos retomar no item “Trabalho simples e Trabalho complexo” destas ocupações.

Gráfico 6- Exerce qualificação profissional no Reino Unido, resposta dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

É possível constatar que brasileiros que efetivaram sua formação profissional no Brasil, com recursos próprios ou do Estado, e depois migraram, resulta no que se chama de “migração qualificada”. Há aqui uma exportação de valor, isto é, para formar essa força de trabalho foi investido um alto valor (trabalho complexo), que com sua migração, gera-se um déficit no país de origem, que também podemos chamar de “fuga de cérebros”, trata-se da perda de mão de obra qualificada que será utilizada ou não no país receptor uma vez que seu investimento social foi exportado.

Neste caso, é possível observar e constatar que a maior parte desta mão de obra qualificada não é utilizada no país receptor, o que vai ao encontro aos dados do Relatório Anual OBmigra (2020), que constata que mais de 50% dos trabalhadores imigrantes no setor informal possuíam nível de instrução médio completo ou superior. O estudo sugere que boa

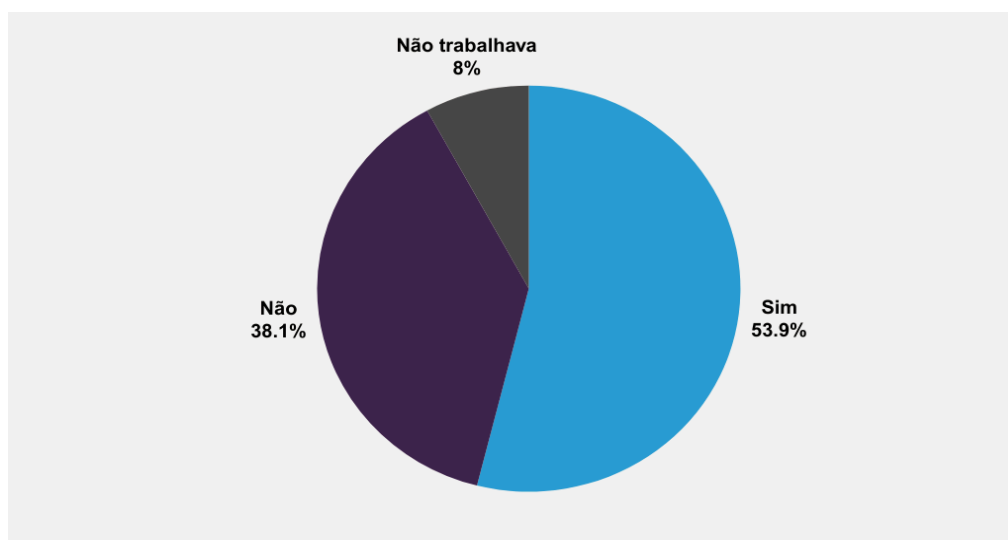
parte dessa força de trabalho encontra-se em ocupações que exigem menor qualificação do que elas possuem.

Levando em consideração o estudo de Evans (2020) sobre a população brasileira no Reino Unido, em relação à escolaridade, a pesquisa mostrou que 75% dos brasileiros tinham formação universitária. Destes, 27% eram pós-graduados, 33% haviam concluído a graduação, e 15% não finalizaram a graduação. Considerando que o nível educacional pode servir como indicador de classe social, podemos considerar que os imigrantes entrevistados nesta pesquisa advinham de classe média ou média baixa no Brasil.

Dentre as respostas obtidas daqueles que possuem ensino superior completo, mas estão trabalhando em ocupações que não tem relação com sua formação profissional, os trabalhos citados foram: atendente de padaria; entregador/delivery; garçone; limpeza de casas (*cleaner*); manicure; atendente de balcão e driver privado. Os trabalhos mais citados foram entregador/delivery e atendentes no geral. Vale destacar que os trabalhos relacionados à limpeza (*cleaner*), foram apenas citados por mulheres, essas que se encontram historicamente em postos de trabalho destinados ao cuidado, limpeza e manutenção dos lares e essa lógica se propaga até mesmo nos fluxos migratórios.

Os resultados apresentados a seguir estão relacionados especificamente com o trabalho realizado no país de origem (Brasil). Em um primeiro momento temos os dados relacionados à situação trabalhista, no caso, se estava inserido no mercado de trabalho formal ou informal. Mais da metade da amostra, 54% dizia-se estar inseridos no mercado formal no Brasil, 38,7% no mercado informal e 6,2% não trabalhavam (eram estudantes enquanto residiam no país).

Gráfico 7- Trabalhava formalmente no país de origem, resposta dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).

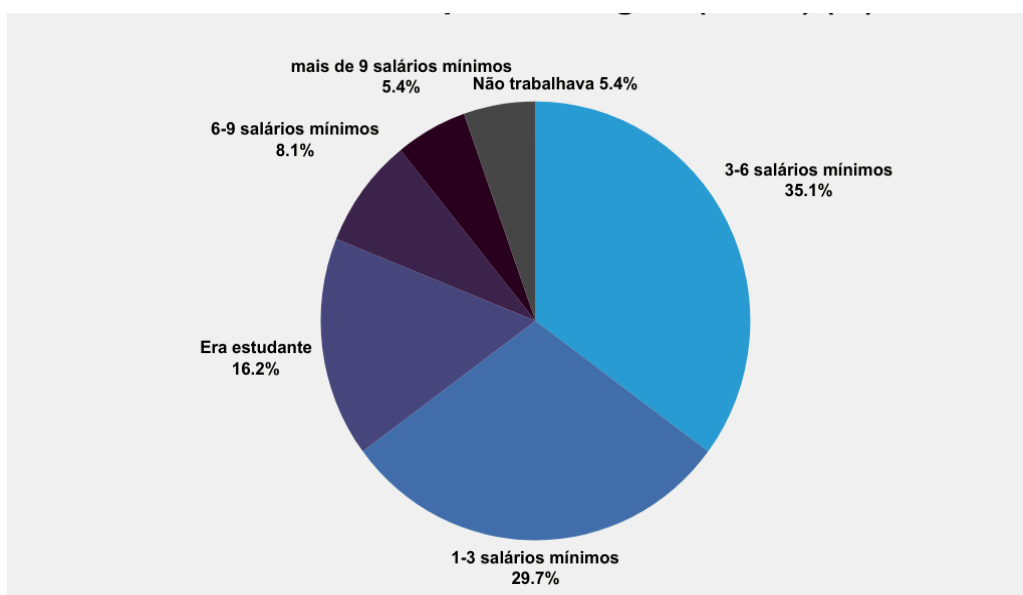


Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

O gráfico 5, mostra que mais da metade dos entrevistados encontravam-se no mercado formal (carteira assinada ou contrato) contrariamente ao que pode surgir no senso comum, que a migração é sempre motivada pela insegurança do país de origem. Uma parte significativa dos migrantes possuía carteira assinada antes de migrar. Somando-se a esses, aqueles que trabalhavam sem registro, chega-se a mais de 90% dos migrantes.

O gráfico 5 revela que a grande maioria dos entrevistados trabalhava com contrato/carteira assinada no Brasil antes de migrar, o gráfico 6 por sua vez, indica que parte desses, aproximadamente 30%, encontrava-se na faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos, o que indica uma condição de insegurança. Entretanto, 35% dos migrantes relataram possuir uma renda entre 3 e 6 salários mínimos, constituindo uma classe média-baixa, que opta por migrar para continuar ou melhorar suas condições econômicas. Além disso, evidencia-se a ideia de que os participantes da pesquisa tinham recursos financeiros para investir no processo migratório.

Gráfico 8- Faixa salarial país de origem (Brasil) dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Em relação a jornada de trabalho, 35% dos brasileiros entrevistados trabalhavam 8 horas por dia, 19,9% 5 a 7 horas por dia. Entretanto, 27% dos imigrantes que responderam ao

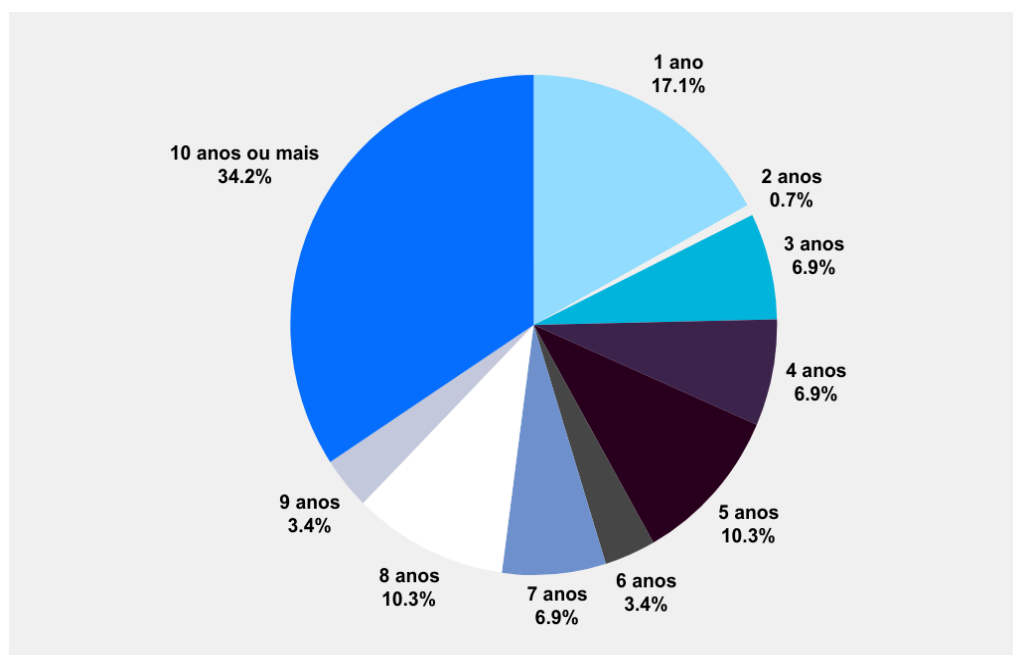
questionário, diziam trabalhar mais de 10 horas por dia. Em relação ao número de empregos 13, 5% disseram trabalhar em mais de 2 ou 3 empregos, apesar de não ser a maior parte dos imigrantes entrevistados, acreditamos ser um dado importante a ser apresentado, mesmo que o questionário seja resultado de uma pequena parte da população brasileira que vive no UK, visto que esta é a realidade de muitos imigrantes, de acordo com o Portal de Imigração, o aumento absoluto de imigrantes com jornada semanais de trabalho superior a 44 horas e entre 15 a 30 horas. O que sinaliza, por um lado, a precarização e, por outro, a superexploração da força de trabalho imigrante. Para fins de comparação, segundo a pesquisa de Evans (2020), 76% dos brasileiros trabalhavam em regime de período integral no Reino Unido, isto é, acima de 30 horas semanais. Destes, quase metade (47%) trabalhava entre 31-40 horas, cerca de um quinto (41%) trabalhava entre 41-50 horas, e os demais (8%) trabalhavam mais de 50 horas semanais.

Ainda no universo do trabalho, são inúmeros os tipos de exploração, vulnerabilidade e abusos que a condição de trabalhador estrangeiro pode aferir. O questionário revelou que 18,9% dos imigrantes participantes deste estudo já sofreram abuso verbal, 13,5% discriminação, 13,5% recebeu menos do que o salário mínimo pré-estabelecido e 10,8% não recebeu férias. Além disso foram citados outros problemas como: Não recebeu pelo trabalho realizado; demissão injusta; acidente de trabalho; abuso físico e abuso sexual, totalizando em 43,2% dos casos. Uma das entrevistadas relatou ter sofrido assédio sexual e moral, tentativa de *stalking* (perseguição) e tentativa de atropelamento. Apenas 22% relataram não terem sofrido nenhum tipo de problema no trabalho.

4.1.3. Tempo de Migração e Renda

Se agora nos voltarmos para o tempo de residência dos brasileiros no Reino Unido, como ilustrado no gráfico 7, a maior parte dos imigrantes 32,3% declaram residir a 10 anos ou mais, seguido de 16% que residem a um ano; 9,7% a 8 anos; 9,7% a 5 anos e 6,5% a 7 anos, como resultados de maior relevância. Percebemos que ao agrupar as categorias de 5 anos a 10 anos ou mais, obtemos o valor aproximado de 58% de brasileiros que residem no Reino Unido a pelo menos 5 anos.

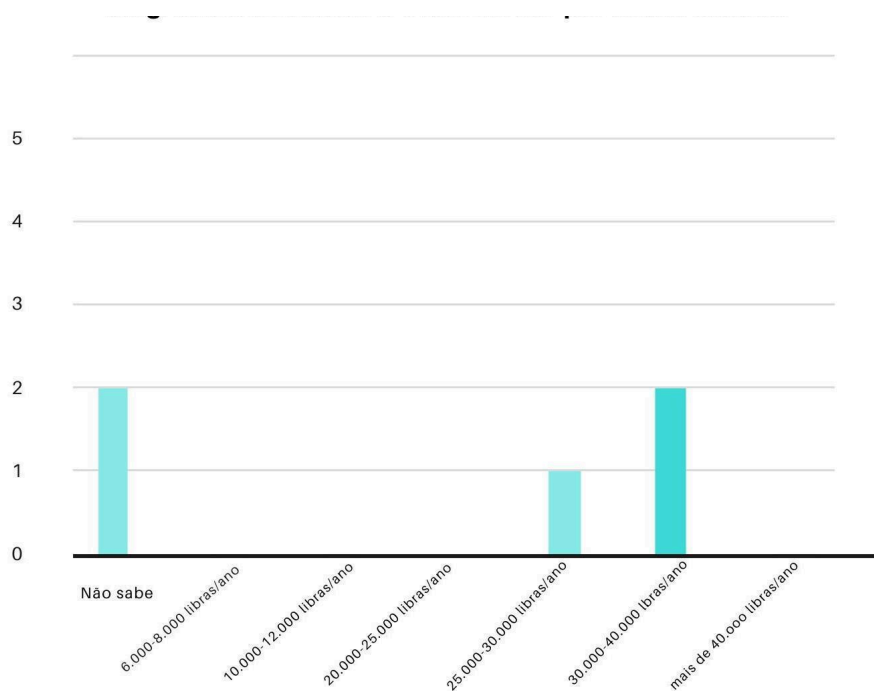
Gráfico 9- Tempo de residência dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024 (%).



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

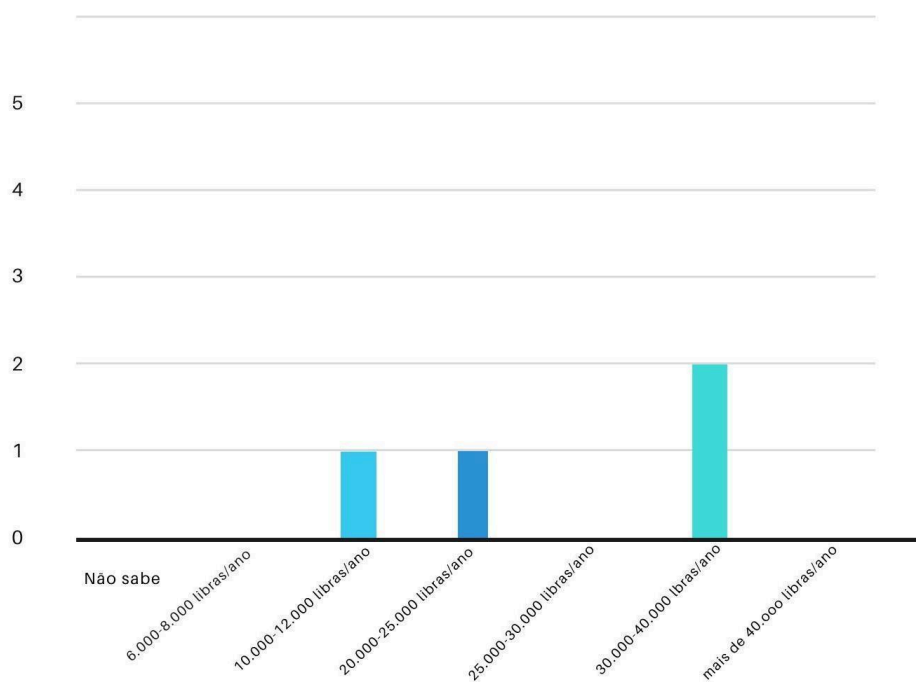
Considerando o cruzamento dos dados da faixa salarial declarada pelos trabalhadores com o tempo de residência no Reino Unido, revelamos ser um tanto diverso nas respostas. Agrupamos as faixas salariais entre as mais mencionadas pelo público entrevistado, (não sabe, 6.000-8.000 libras/ano; 10.000-12.000 libras/ano; 20.000-25.000 libras/ano; 25.000-30.000 libras/ano; 30.000-40.000 libras/ano e mais de 40.000 libras/ano) assim como, os anos com maior número de respostas (1 ano; 3 anos; 8 anos e 10 anos). Apresentados no gráficos abaixo:

Gráfico 10- Imigrantes entrevistados residindo a 1 ano no RU por renda salarial.



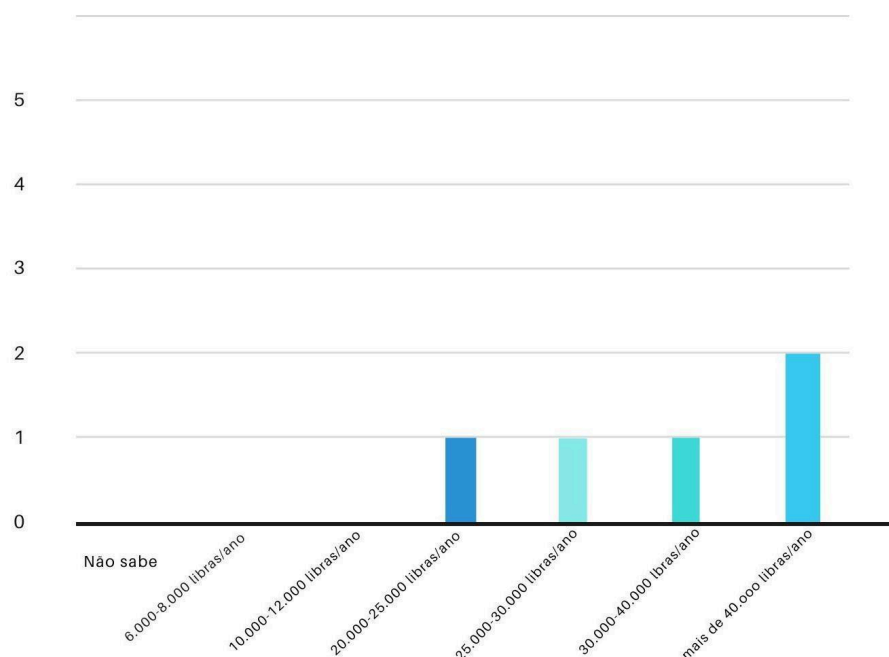
Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Gráfico 11- Imigrantes entrevistados residindo a 3 anos no RU por renda salarial.



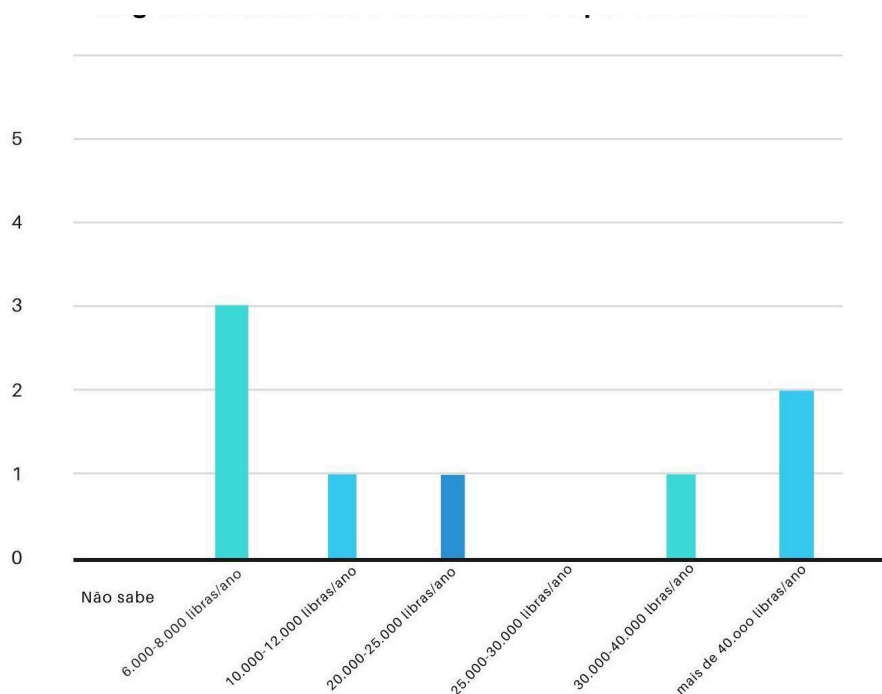
Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Gráfico 12 - Imigrantes entrevistados residindo a 8 anos no RU por renda salarial.



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Gráfico 13- Imigrantes entrevistados residindo a 10 anos no RU por renda salarial.



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

Como mencionado, tivemos diferentes respostas entre o tempo de residência e a faixa salarial, sendo difícil traçar um padrão neste aspecto, pois as respostas não foram lineares.

Entretanto as informações tendem a dizer que conforme vai aumentando os anos de residência no país, aumentam-se as faixas salariais, entre médias e altas.

Da população do estudo, no que se refere ao ano que decidiram deixar de viver no seu país de origem, obtivemos respostas diversas para diferentes anos, mas o ano individual com maior taxa de resposta foi o de 2016 com 18,9%, seguido dos anos de 2019, 2020, e 2023, cada um com 10,8% das respostas. Podemos relacionar a essas respostas com o referendo de 2016 que resultou no Brexit, isso marcou o início de grandes mudanças nas leis de imigração, que tinham como objetivo recuperar o controle das fronteiras, no entanto, mesmo com as promessas de contenção da migração, 7 anos após a votação a favor do Brexit, a migração continuou a aumentar. Para entender este movimento, existem dois fatores principais: os estudantes estrangeiros, que são uma importante fonte de renda para as universidades britânicas; Vistos de trabalho, devido ao alargamento do visto a “trabalhadores qualificados”. Esta via, antes do Brexit, já autorizava a entrada de trabalhadores qualificados patrocinados por empresas ou instituições britânicas, como médicos ou enfermeiros. Mas em 2022 entraram novas ocupações que por vezes não são consideradas qualificadas.

Voltando-nos agora para os principais estados de emigração, nossos dados apontam que o principal estado emissor de migrantes internacionais no Brasil é o Estado de São Paulo, seguido por Minas Gerais e Rio de Janeiro. Portanto, podemos sugerir a tendência de um processo migratório de estados já bem desenvolvidos com grandes capitais globais para outro país que contenha a mesma composição econômica e financeira ou melhor.

Em relação ao status migratório, os dados estão organizados de acordo com o tipo de visto de entrada e o tipo de visto de permanência do brasileiro no Reino Unido. Observamos que 38,7% dos imigrantes entraram no Reino Unido com visto de Turista; 25,8% possuíam Passaporte europeu (por descendência) e 19,4% obtiveram o visto de Estudante; 6,5% possuíam visto por união com cidadão europeu; 3,2% possuíam visto de permissão para o trabalho; 3,2% possuíam visto de residência e 3,2% possuíam visto de dependente de estudante.

As leis migratórias no mundo e não diferentemente no Reino Unido alteram de acordo com os interesses políticos e econômicos do país e estão em constante mudança devido ao aumento do fluxo migratório internacional.

Gráfico 14- Gráfico de comparação: Tipo de visto de ingresso ao RU x Tipo de visto no ano de 2024 dos imigrantes entrevistados, Reino Unido, 2024.



Fonte: Dados da Pesquisa: 2024 - Elaboração da autora.

O gráfico 25 destacou que quase 45% dos imigrantes entrevistados entraram no Reino Unido com passaporte de Turista ou Estudante, no entanto, menos de 12% continuavam com este Visto no momento que responderam ao questionário. Isso porque, devido às mudanças nas leis migratórias, foi se tornando cada vez mais difícil entrar no país como turista e posteriormente como estudante, reflexos do Brexit, mesmo que não tenha tido êxito esperado.

O gráfico 27, faz uma comparação entre o tipo de visto ou o documento que os participantes declararam possuir quando entraram no Reino Unido e depois no momento da realização da pesquisa. Segundo este gráfico houve um aumento de 9,7% na obtenção de passaportes europeu (por descendência), sendo este o maior número de vistos com 35,5%, sugerindo que os imigrantes que não tinham documento europeu conseguiram mudar seu status migratório por meio da aquisição de um passaporte europeu por descendência. Outro aspecto relevante é que esses imigrantes que declararam ter visto de turista provavelmente estão, na realidade, na condição de pessoas sem visto, já que o visto de turista permite uma

permanência máxima de seis meses. No entanto, todos os participantes do estudo residiam no Reino Unido há pelo menos um ano.

Seguindo por visto por tempo indefinido (autorizado a trabalhar) teve-se um aumento de mais de 20%, resultando em 25,8% dos casos, deixando claro a mobilidade de pessoas em busca de trabalho. Assim como o aumento do visto de residência, totalizando em 19,4% em comparação ao ano de ingresso que era de 3,2%.

Quando perguntados se já haviam vivido em outro país antes da Inglaterra, 32,2% responderam que sim, o país mais citado foi a Itália, seguido de Portugal. É bastante provável que esses brasileiros foram à Itália para conseguir o visto por descendência, para então estabelecer-se no Reino Unido, pois quando perguntados sobre o período de permanência no país, a maioria das respostas eram referentes a meses, entre 3 a 5 meses.

Como último apontamento, em termos económicos, nossos migrantes em sua maioria tem uma boa faixa salarial, vindo de emprego formal ou não, contam com formação superior completa, ainda assim, mais de 50% dos migrantes responderam que desejam voltar a morar no seu país de origem, mesmo tendo um crescimento e desenvolvimento econômico no país receptor, essa resposta pode representar a saudade do local de origem, familiares, a sensação de pertencimento, cultura e identidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, buscamos interpretar o processo migratório a partir de uma perspectiva marxista, apoiada nas categorias de superexploração da força de trabalho e da condição dependente dos países latino-americanos. Entendemos a migração como elemento de formação econômica, isto é, como um produto do desenvolvimento desigual do capitalismo em escala mundial e como os fluxos migratórios de países periféricos para países centrais atuam reproduzindo estas desigualdades e perpetuando a acumulação de capital nos países receptores.

Nossa pesquisa avaliou homens e mulheres migrantes que escolheram como destino final o Reino Unido. Os questionários aplicados nesta pesquisa permitiram traçar o perfil dos imigrantes brasileiros, revelando aspectos demográficos, educacionais e de inserção no mercado de trabalho. Apesar da pequena parcela de entrevistados, acreditamos que as respostas podem refletir a realidade de parte da população brasileira no Reino Unido.

Nossa análise permitiu comprovar a tese de transferência do “valor-trabalho”, através no contexto da imigração brasileira para o Reino Unido. O valor transferido se refere ao trabalho imigrante, que contribui para a riqueza do país receptor, seja por meio de serviços prestados ou da produção de bens e serviços. Contudo, como demonstrado pela pesquisa, muitos imigrantes, apesar de possuírem qualificações profissionais e acadêmicas, não têm chances de exercer sua formação no Reino Unido, caracterizando a destruição do preço da força de trabalho, o que amplia a constituição do valor, sobretudo pela jornada de trabalho, além de serem forçados a aceitar empregos abaixo da sua qualificação, com baixa remuneração e em alguns casos, com condições precárias e privados de benefícios trabalhistas. Estas condições se elevam quando nos referimos a divergência de acesso de imigrantes brancos e pretos/pardos. A diferença na escolaridade entre esses dois grupos é evidente, os imigrantes brancos apresentam um nível educacional mais alto em comparação aos imigrantes pretos e pardos sendo que muitos destes últimos possuem um grau de escolaridade inferior, com maior concentração em ensino médio, enquanto os imigrantes brancos tendem a possuir diplomas de ensino superior, como os dados do trabalho apresentam, isso é reflexo direto das barreiras estruturais e raciais das condições de vida.

Essa realidade evidencia a superexploração do trabalho imigrante, um fenômeno comum nas redes de fluxos migratórios, em que o trabalhador estrangeiro contribui significativamente para a economia do país receptor, mas não recebe parte do valor que

produz, gerando mais-valia para o capital estrangeiro, o que reflete as dinâmicas de exploração descritas pela Teoria Marxista da Dependência.

Resgatar a Teoria Marxista da Dependência nesse ínterim, foi essencial para entender a condição estrutural de dependência dos países latino-americanos e o mecanismo de transferência de mercadoria-valor em sua troca desigual entre os países, para só assim ser possível adicionar a questão da migração neste processo. Compreendemos a força de trabalho como mercadoria, que também pode ser vendida e exportada, e justamente por isso, sofre uma superexploração da sua força de trabalho, soma-se a esse viés a própria condição de estrangeiro que o imigrante se encontra quando migra para outro território. Dessa forma, estabelece-se uma nova esfera de produção e realização do valor no centro das relações capitalistas.

Ao analisar as dimensões de direitos e cidadania, a teia da vida imigrante, que se pauta na interconexão de vários aspectos da vida dos imigrantes, incluindo suas relações sociais, identidade, direitos, acesso a recursos etc. Apesar da pesquisa não ter se aprofundado de forma integral a este aspecto, conseguimos realizar um panorama sobre a questão. Temos, portanto, um quadro complexo de inclusão e exclusão social. Em termos de direitos trabalhistas, a pesquisa aponta que muitos imigrantes brasileiros, especialmente os de condição jurídica mais precária, têm um acesso restrito a direitos fundamentais, como férias, licença médica, proteção contra demissão sem justa causa, e outros direitos garantidos a trabalhadores locais. A precarização do trabalho, informalidade e discriminação racial elevam esse contexto, criando um cenário de exclusão e vulnerabilidade. Junto a isso, a falta de documentação legal ou o *status* migratório irregular pode resultar em restrição de acesso a serviços públicos essenciais. Além disso, barreiras linguísticas e culturais também contribuem para uma maior marginalização desses grupos.

De acordo com a pesquisa, grande parte dos brasileiros está no Reino Unido há pelo menos cinco anos, e possivelmente conseguiram criar redes sociais e comunitárias que oferecem ajuda e suporte emocional. No entanto, essas redes nem sempre conseguem substituir direitos formais, refletindo no desejo de muitos imigrantes de retornarem ao país de origem. Esse desejo pode ser interpretado como o sentimento de não pertencimento ao novo local/território.

Como vimos ao longo deste trabalho, o período de hegemonia do neoliberalismo como modelo econômico, criou novas formas de exploração da força de trabalho, flexibilização de leis, aumento de trabalhos informais e consequentemente aumento da acumulação de mais-valia. Dessa forma, a migração induzida pelo trabalho, é um dos mecanismos essenciais

na lógica de reprodução do capital, os imigrantes se deslocam pelo mundo pela necessidade de sobreviver, vendo como única opção se mobilizar espacialmente para lugares onde possam vender sua força de trabalho para garantir seus meios de subsistência em um mundo tomado pela lógica da reprodução do capital. Destacamos a era liberal como influência esmagadora do processo migratório e da mobilidade do trabalho, esta lógica continuará reproduzindo exclusão e exploração, elementos inerentes ao sistema capitalista, que se faz presente em todo o globo e impacta a vida de todos que nele se desloquem

A partir dos estudos realizados e das respostas dos participantes, inferimos que a ideia de migração precisa ser interpretada para além das vontades pessoais e aspirações do sujeito migrante, é preciso compreendê-la a partir de seus condicionantes históricos e estruturais, juntos da conjuntura política e sistêmica. É essencial considerar o migrante em sua produção e reprodução social e espacial. Sob essa perspectiva, destacamos a relevância da nossa pesquisa ao analisar a transferência e realização do valor nos países centrais através da mobilidade da força de trabalho imigrante como nova esfera de produção do valor.

6. BIBLIOGRAFIA

46 mil imigrantes ilegais: número de brasileiros detidos cruzando do México para EUA aumentou 6 vezes. BBC News Brasil, set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58599854>

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Dados sobre Refúgio.** Disponível In: Dados sobre Refúgio – UNHCR ACNUR Brasil. Acesso em: 13 jan.2022.

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado: de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados.** 3. ed. 2011.

AIRES MAGALHÃES, L. F. Migração Internacional E Remessas De Migrantes: Elementos Para Uma Análise Marxista. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 459–477, 2000.

ALVES, Giovanni. A condição de proletariedade: A precariedade do trabalho no capitalismo global. Londrina: **Práxis**; Canal 6. 2009.

AMARAL, Marisa Silva. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 12 n. 2 p. 216-225 jul./dez. 2009.

ANTUNES, Ricardo. A vigência (e a vingança) de Marx: o novo proletariado de serviços, valor e intermitência. **Margem Esquerda** – revista da Boitempo. N. 31. São Paulo: Boitempo. Setembro 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** 16. Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ARAÚJO, E., Fontes, M. & Bento, S. (Eds.) **Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros Braga:** Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013.

AVERSA, V. de O. .; SOUZA, J. G. de . Ensino médio e superior público de São Paulo: o contraste entre as políticas curriculares meritocráticas e as políticas afirmativas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 142–160, 2022. DOI: 10.14393/REPOD-v11n1a2022-64906. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/64906>.

BAENINGER, Rosana. et al. **Migrações Sul-Sul.** Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2018 (2º edição).

- BAENINGER, Rosana. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Coord.) **Migrações Venezuelanas**. Campinas: Nepo/UNICAMP, 2018. p. 135-138.
- BAENINGER, Rosana.; CANALES, A. (Coord.). **Migrações Fronteiriças**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2018.
- BAMBIRRA, Vania. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 1ª edición. Siglo Veinteuno XX1. México, Distrito Federal: 1974.
- BATARCE, Ana Paula Archanjo. **Imigração brasileira para o Reino Unido: o trabalho das mulheres em Londres e os processos de identificação/diferenciação**. Rio Claro:IGCE, 2016.(Tese de Doutorado).
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de população**. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, Sage Publications, v. 10, n. 2, pp. 141-163, nov/1981.
- BÓGUS, Lúcia Maria Machado; FABIANO, M. L. A. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula - PUC SP** - No. 18 - Segundo Semestre de 2015 - p. 126-145. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29806/20723>
- BOTTOMORE, T. (org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BRAGA, J. L. R.; KAROL, E. A temática dos refugiados na geografia da população. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG). **Anais...** Porto Alegre, 2009.
- Brazil: Facebook user share 2024, by age group. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/866282/facebook-user-share-brazil-age/>>. Acesso em: 26 set. 2024.
- CAMPLING, Liam. The tuna “commodity frontier”: business strategies and environment in the industrial tuna fisheries of the Western Indian Ocean. **The Journal of Agrarian Change**, v. 12, n. 2-3, p. 252-278, 2012.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. **Katalysis**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2009, p. 216-225.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. O atual resgate crítico da teoria marxista da dependência. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 191-205, jan./abr. 201.

- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. **The Age of Migration. International Population Movements in the Modern World**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- CIPOLLA, Francisco Paulo. A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx. **Crítica Marxista**, n.37, p.67-90, 2013. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf
- CMMI – Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais. **As migrações num mundo interligado: novas linhas de ação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. - (Caminhos da Geografia).
- DOS SANTOS, Theotonio. **El nuevo carácter de la dependencia**. Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos Santiago (CESO): Universidad de Chile, 1968.
- EDWARDS, T. S.; KELTON, P. Germs, Genocides, and America's Indigenous Peoples, **Journal of American History**, Volume 107, Issue 1, June 2020, Pages 52–76, <https://doi.org/10.1093/jahist/jaaa008>
- EVANS, Y. Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico. **Travessia - Revista do Migrante**, São Paulo, n. 66, p. 9-20, jan/2010.
- FARKAS, S. O.; MARTINHO, T. Prefácio. In: BORDAS, M. A. (Org.). **Geografias em movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013.
- FERNANDES, D.; DINIZ, A. M. A. Brain drain or brain gain? In which direction does the Brazilian diaspora go? **XXVI IUSSP International Population Conference**. Marrakech, Morocco. 30 September 2009, p.1-24.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Globo Livros, 2005.
- FERREIRA, Ricardo Hirata. Espaço e Migração: brasileiros no Japão. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, 2005.
- FLEURY, Anjali. **Understanding Women and Migration: A Literature Review**. Global Knowledge Partnership on Migration and Development (KNOMAD), fevereiro, 2016.
- FRANK, André Gunder. **Capitalismo e subdesarrollo en América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1970.
- GAUDEMAR, J-P. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- GOMES, Fábio Guedes. Mobilidade do trabalho e controle social: Trabalho e organizações na era neoliberal. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba. v. 17, n. 32, p. 33-49, fev. 2009.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/D3SxYBSqygKSPPTZtsC97wg/?lang=pt&format=pdf>

HEIDEMANN, Heinz Dieter. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. **Migrações: discriminações e alternativas**. São Paulo: Paulinas/SPM, 2004.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 5º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IOM. World Migration 2008. **Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy**. Geneva: International Organization for Migration, 2008.

IOM, International Organization for Migration (IOM). **World Migration Report 2020**. Geneva, p. 16-125.

KURZ, Robert. Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial: Para uma caracterização da situação contemporânea da sociedade mundial. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.) **Travessias na desordem global — Fórum Social das Migrações**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LENGTHORN, E., ASBURY, M. Worcester educator climate assembly: promoting sustainability leadership through participation. A community approach to education in climate emergency. **Discov Sustain** 2, 46, 2021. <https://doi.org/10.1007/s43621-021-00053-8>

LEIVA, Orlando Caputo. A economia mundial e a América Latina no início do século XXI. In: SANTOS, T.; SADER, E. (Coord.); MARTINS, C. E.; VALENCIA, A. S. (Orgs.). **A América Latina e os desafios da globalização**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LINSTROTH, J.P. Cultural Genocide, Genocide, and Amerindian Genocide. In: **Politics and Racism Beyond Nations**. Palgrave Macmillan, Cham. 2022. https://doi.org/10.1007/978-3-030-91720-3_4

LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 000, setembro-dezembro/2007.

LUTZ, Helma. Geschecht, Ethnizität, Profession – Die neue Dienstmädchenfrage. **Zeitalter de Globalisierung**. Münster: Iks – QuerFormat, März 2000.

MARINI, R. M. **Dialéctica de la dependência**. México: Ediciones Era, 1991.

MARGOLIS, M. **Little Brazil**. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARX, K. **Contribuições à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O capital, Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital, Livro II**. São Paulo: Boitempo, 2014.

- MARX, K. **Teorias da mais-valia, história crítica do pensamento econômico**. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MCILWAINE, C. Constructing transnational social spaces among Latin American migrants. London: **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society** (Special Issue: Shifting Contours of Migration), Europe: perspectives from the UK, p. 1-15, 2011a.
- MCILWAINE, C. J., & BUNGE, D. Towards Visibility: the Latin American Community in London. In **Towards Visibility: the Latin American Community in London**. Trust for London, 2016.
- MCILWAINE, C. Super-diversity, multiculturalism and integration: overview of the Latin American population in London, UK. In: MCILWAINE, C. (Org.) **Cross-Border Migration among Latin Americans: European perspectives and beyond**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- MCAULIFFE, M., OUCHO, L.A. (eds.). **World Migration Report 2024**. International Organization for Migration (IOM), Geneva, p.16-55.
- MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOORE, Jason. Sugar and the Expansion of the Early Modern World-Economy: Commodity Frontiers, Ecological Transformation, and Industrialization. Review: **A Journal of the Fernand Braudel Center**, v. 23, p. 409-433, 2000.
- MOORE, Jason. Capitalismo, Classe e a Fronteira Da Mercadoria: Em Defesa da Dialética, Contra a Aritmética Verde. In: MARQUES, L.; GEBARA, A. (Org.). **História das mercadorias: trabalho, meio ambiente e capitalismo mundial (séculos XVI-XIX)**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2023, pp. 21-39.
- MRE, Ministério das Relações Exteriores. Comunidade Brasileira no Exterior - **Estatística 2020**. Disponível em: Comunidade brasileira no exterior – Estatísticas 2020.
- MOULIN, Carolina. A construção do refugiado no pós-Guerra Fria: dilemas, complexidades e o papel do ACNUR. **Carta Internacional**, v. 7, n. 2, p. 23-49, 2012.
- NOLASCO, C. **Migrações internacionais: conceitos, tipologias e teorias**. Oficina do CES, Coimbra, n. 434, mar. 2016.

OEA – Instituto para a Integração da América Latina e Caribe. **Informe sobre as remessas.** Disponível em: <http://www.oas.org/pt/>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mundo registrou cerca 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado.** 1 dez. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PERPETUA, Guilherme Marini. Mobilidade espacial do capital e da força de trabalho: elementos para uma teorização geográfica a partir da matriz marxista. **Revista Pegada**, v. 14, n. 1, p. 58-76, Julho, 2013.

OBmiga. **Resumo Executivo**, [S. l.], p. 3-18, 25, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf.

REMIJO, Alcides Pontes e BARBOSA, David Oliveira de. A atualidade da teoria do valor em Marx: um debate a partir da pandemia do covid 19. **IV Seminário Nacional: Serviço Social, Trabalho e Política Social** – SENASS Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis – 04 a 06 de julho de 2022.

SANTOS, Tainara Cavalcante. A Guerra do Vietnã Sob o Olhar do Fotojornalismo1. **PAULUS: COMFILOTEC**, v. 7, n. 4, 2018.

SHISHITO, A. A. SOUZA, J.G. Construção e contiguidade territorial em terras distantes: os Dekassegui. **Geosul**, v. 31, p. 299-316, 2016.

SOUZA, JG., LENGTHORN, E.E., IORIS, A. **The Guarani-Kaiowa peoples (Brazil) and ontological fractures.** 2024. 10p. (unpublisheh).

TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Org.). **Sobre a dialética da dependência. In: Ruy Mauro Marini: vida e obra.** São Paulo: Expressão Popular, 2005b, p. 181-194.

TRASPADINI, R. ; SOUZA, J.G. Vigência e Relevância de Dialética da dependência à Luz de Marion Greenwood. **Reoriente**, v. 1, p. 191-217, 2023.

TRINCHERO, H. H. The genocide of indigenous peoples in the formation of the Argentine Nation-State 1 . **Journal of Genocide Research**, 8(2), 121–135. 2006. <https://doi.org/10.1080/14623520600703008>

UNDESA, Department Of Economic And Social Affairs. **International Migrant Stock**, 2019.

UNHCR – United Nations High Commissioner for Refugees. The changing dynamics of displacement. **The state of the world's refugees 2000: fifty years of humanitarian action.** New York: Oxford University Press, 2000. p. 275-288. Disponível em: <https://www.unhcr.org/4444afc50.html>.

VALENTINI, L. D. Apresentação. Migrantes, Serviço Pastoral dos Migrantes. **Travessias na Desordem Global. Fórum Social das Migrações**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Mundo Possível).

WEINBERG, S. The treatment of women in immigration history: A call for change. In GABACCIA, D. (Ed.), **Seeking common ground: Multidisciplinary studies of immigrant women in the United States** (pp. 3-22). Westport, CT: Praeger, 1992.

WORLD BANK. **The Factbook 2011 of Migration and Remittances**. Disponível em: <http://www.worldbank.org>.

ZOLBERG, Aristide. The Next Wave: Migration Theory for a Changing World. **International Migration Review**, 23(3), 403-430, 1989.